

802.2  
C83  
ODYLO COSTA, filho.

Coligiu os versos  
alheios desta

# SELETA CRISTÃ

RIO DE JANEIRO  
LIVRARIA CATHOLICA  
Rua Rodrigo Silva, 7

1932

(Novemb.o)

L-36

A' Irmã DIOMIRA BRIZZI, *minha mestra.*

A meus irmãos.

## PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

**E**sta **Seleta** não é resultado de paciente trabalho e contínuo esforço, e apenas a coordenação de algumas poesias, umas perdidas em livros e outras conhecidas por todos, celebrando a glória de Deus e a vida dos bons.

O seu colecionador não se quer justificar com a pressa ou com a inexperiencia da sua mocidade: quer apenas dizer que se não fez obra completa, principalmente quando os nossos poetas não possuem unidade espiritual, é verdade que com algumas exceções, assim mesmo se exgotando numa unilateralidade de ortodoxia que expulsa a beleza dos seus versos.

Ver-se-á, neste livro, como os nossos poetas creram. Em primeiro lugar, a **Ideia de Deus**, desde a grande abstração de Domingos José Gonçalves de Magalhães até a figura imponderavel que Junqueira Freire imaginou, o anjo maior que as creaturas de Casemiro, o Deus tagoreano de Tasso da Silveira. Depois, no Cristo, ora o filho de Deus feito homem, ora as maiores paginas de beleza humana que a historia já teve. Depois, em Cristandade, todas as grandes virtudes que o Catolicismo trouxe: a Fé, a Caridade, a Esperança, aquilo que pensamos que é Humanidade — virtudes e ancias de paz no Senhor.

E' este, assim, um livro humano, no magnifico sentido.

A parte, nele, do compilador foi minima. Tentariamos mostrar, se não fôra inutil, o catolicismo no sentimento de brasilidade, porque a Cruz grifou toda a nossa evolução.

Consolar-nos-á quanto baste, e de sobra nos alegrará, do trabalho arduo de juntar versos alheios, a aceitação deste livro, que procura preencher uma falta, que tinhamos, na nossa literatura didactica.

A. Dr. Humberto  
a. velha admira  
estima do Odylo Costa Filho

# IDEA DE DEUS

Ru - 17 a hove  
Luo a 1932

- Cantico ao Sol — S. Francisco Xavier.  
(Trad. de Mario Ramos e Raymundo Teixeira Mendes)
- Psalmo XIII — Pe. Antonio Pereira de Souza Caldas
- A Mocidade — Domingos José Gonçalves de Magalhães.
- Sufrimento — Gonçalves Dias.
- Supplica — Laurindo Rabello.
- A Cruz do Claustro — Junqueira Freire.
- Acusmata — Fagundes Varela.
- Deus — D. Aquino Corrêa.
- As Montanhas — Dunshee de Abranches.
- Deus — Moacyr de Almeida.
- Alegoria do Homem Novo — Tasso da Silveira.

## S. FRANCISCO DE ASSIS

Gugliemo Ferrero acredita na renovação do mundo por uma onda de ascetismo, de imitação a S. Francisco. Ninguém exerce hoje sobre os homens a influencia do Santo. As comemorações do seu Centenario foram universaes. E', disse Jackson, o santo do nosso tempo. Foi, para Afranio, uma replica humana de Jesus. Converteu grandes escritores. E a tradução do seu **Cantico** por Teixeira Mendes mostra que ele é a ponte mais bela e mais encantadora entre os homens que não creem, e a Igreja que salva.

ALGUMAS TRADUÇÕES DO

CANTICO AO SOL

DE S. FRANCISCO DE ASSIS.

“Altissimo, Omnipotente e Bonissimo Senhor,  
A Vós os louvores, a gloria, a honra e toda benção!  
E nem um homem não é digno de pronunciar vosso  
(nome.)

Louvado sejaes Vós Senhor, com todas as creaturas  
E muito particularmente nosso irmão o Sol,  
Que nos dá o dia, e por quem Vós nos esclareceis

E que é bello, e radiante e que com seu grande esplendor  
Nos traz Altissimo, a significação de Vós!  
E louvado sejaes Vós Senhor, pelas nossas irmãs a  
(lua e as estrellas

Que creastes no Céu; caras, preciosas e bellas!  
 É louvado sejaes Vós Senhor, pelo nosso irmão vento,  
 E pelo ar e as nuvens e pelo orvalho e todos tempos,

Por meio dos quaes, daes o sustento ás vossas crea-  
 (turas!

E louvado sejaes Vós, meu Senhor, pela nossa irmã  
 (a agua,

Que é muito util e humilde e casta!

E louvado sejaes Vós, meu Senhor, pelo nosso irmão  
 (o fogo,

Por meio do qual illuminaes a noite  
 E que é bello e alegre e robusto e forte!

E louvado sejaes Vós, meu Senhor, pela nossa irmã a  
 (mãe Terra

Que nos nutre e nos supporta,  
 E produz os diversos fructos e as flores coloridas e as  
 (arvores!

Louvae e abençoe o Senhor e rendei-lhe graças!  
 E servi-o com grande humildade!

“Louvado sejaes Vós Senhor, por todos aquelles que  
 (por amor  
 de Vós perdoam seus inimigos;  
 E supportám a injustiça e a tribulação;

E bemaventurados são aquelles que preseveram na paz;  
 Porque, por Vós, Altissimo, elles serão coroados!”

(Trad. Mario Ramos)

Altissimo, omnipotente, e bom Senhor  
 teus são o louvor, a gloria, e a honra, e toda a bençam.  
 A Ti só, Altissimo, são devidos  
 e nenhum homem é digno de te nomear.

Louvido sejas, meu Senhor, com todas as creaturas,  
 especialmente monsenhor o irmão sol,  
 o qual dá o dia, e illumina por elle;

E elle é bello, e radiante, com grande esplendor;  
 de ti, Altissimo, traz significação.  
 Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrel-  
 (las;

no céu formaste, claras, e preciosas, e bellas.  
 Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,  
 e pelo ar, e nuvens, e sereno, e em todo o tempo,

pelos quaes ás tuas creaturas dás o sustento.  
 Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,  
 pelo qual illuminas a noite,

e elle é bello, e jocundo, e robusto, e forte.  
 Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã, nossa mãe terra,  
 a qual nos sustenta, e governa,

e produz diversos fructos com coloridas flores e herva.  
 Louvae e bemdizei o meu Senhor, e dae-lhe graças,  
 e o servi com grande humildade.

(Raymundo Teixeira Mendes)

1762 — 1814.

## PE. ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

Foi, no começo da nossa historia de nação independente, um poeta citado, lido, admirado. Hoje, é exclusivamente citado. Ninguem o lê. Entretanto, traduziu os psalmos sagrados da Igreja com agrado e fez sonetos misticos muito interessantes, para o seu tempo. Nele não o localizou Silvio Romero, pouco justo com o poeta brasileiro.

## PSALMO XIII (De David)

(Trad.)

Diz consigo murmurando  
 O mortal desatinado  
 "Não ha Deus" e desbocado,  
 Precipita-se no mal.  
 Corrompidos os humanos,  
 Seus caminhos enlodaram,  
 E dos vícios esgotaram  
 Todo o calice infernal.

Já não ha quem da virtude  
 Siga o solitario passo:  
 E em vão Deus, no vasto espaço  
 D'este mundo, o procurou.  
 Mediu com os olhos a terra  
 A buscar um homem justo;  
 "Ah! clamou: o crime injusto  
 Tudo, tudo dominou.

"Vãs inuteis se tornaram  
 "Encaminham-se ás escuras  
 "Estas bellas creaturas  
 "Que formei co' a minha mão;  
 "Nunca, nunca esses malvados,  
 "Que os crimes se repassam,  
 "Que o meu povo despedaçam  
 "Tudo mal conhecerão."

— Que ha de ser, se não quizeram  
Invocar o Deus eterno  
E, ao peito seu no interno  
Fabricaram outro fim?  
Impudentes! não temeram  
A vingança do Deus vivo,  
E estremezem, sem motivo,  
A um phantastico motim.

— O Senhor enfim dissipa  
Todos quanto loucamente  
Se esmeraram tão somente  
O mundo a satisfazer.  
Desprezados, confundidos.  
Não verão a claridade  
Da sempiterna verdade  
Que só pode o peito encher.

Oxalá que bem depressa  
Raie o dia afortunado,  
Em que o Deus annunciado  
Israel ha de salvar!  
De Jacob a clara estirpe,  
De alegria transbordando,  
Se verá ditosa, quando  
O Senhor a libertar.

# DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

Este poeta foi o nosso emmanuelista. Com ele o movimento romântico se catolicisa. Esses versos são entoados nas igrejas e recitados pelas creanças. Mas as suas grandes composições, longuissimas, elogiando o "cristianismo" ou narrando o dialogo entre "Deus, e o Homem" estão completamente esquecidas hoje. Esse trecho está na poesia *A Mocidade*, IX dos *Suspiros poeticos e Saudades*.

## A' MOCIDADE

Entôa, oh! minha alma,  
Um hymno ao Senhor,  
Um hymno de gloria  
Ao teu Creadôr.

A luz que te aclara,  
E' d'Elle emanada,  
E a tua linguagem  
Por Elle inspirada.

Embalde procuras  
O bem sobre a terra;  
O bem que desejas,  
Só n'Elle se encerra.

No meio das ondas,  
nauta mais forte  
unta ás estrellas  
ou norte.

Se o vento enfurece,  
Se o mar se exaspera,  
Invoca seu Nome,  
E salvar-se espera.

Si tu sempre attenta  
Seu mando escutares,  
E por seus dictames  
Fiel te guiares:

Que haverá que possa  
Roubar-te a victoria?  
O bem terás certo,  
Terás certa a gloria.

Entôa, oh! minha alma,  
Um hymno ao Senhor,  
Um hymno de gloria  
Ao teu Creador.

con-

1823 — 1864.

## GONÇALVES DIAS

Foi o maior poeta nacional.

O sentimento de Humanidade, que outro não é o sentimento cristão, estava nele tão profundamente arraigado que podíamos transcrever aqui o “Y Juca Pyrama”. As “Sextilhas de Frei Antão” lembraram o

“bom tempo d’outro”

quando o Reyno e

Essa poesia, que tra  
foi decorada e recitada

“O Mar”, que está e

tologias, é uma

nas do poeta.

## SOFFRIMENTO

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que ha no mundo  
 Que não seja soffrer?  
 O homem nasce, e vive um só instante,  
 E soffre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço  
 Do seu doce viver,  
 Encanta os ares com celeste aroma,  
 Querida até morrer.

... romper d'alva, mas ao menos  
 ... az comsigo prazer;  
 ... nasce e vive um só instante:  
 ... soffre até morrer!

... mer já está cansado,  
 ... os de chorar!

... posso allivio  
 ... nar!

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
 Que nunca pude achar,  
 Que embalde procurei, na flôr, na planta,  
 No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,  
 Que da campa fugio;  
 Flôr ceifada em botão; imagem triste  
 De um ente que existio...

Não escutes, meu Deus, esta blasfemia;  
 Perdão, Senhor, perdão!  
 Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto  
 Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sobre a terra,  
 Quando me afflige a dôr,  
 Minha alma aos céos se eleva, como o incenso  
 Como o aroma da flôr.

E eu bendigo o teu nome eterno  
 Bendigo a minha alma  
 Que vai além da terra  
 Prender-me

Bendigo o nome

M

1826 — 1864.

## LAURINDO RABELLO

E' a replica do Sul a Junqueira Freire, em cuja campã chorou. N era mistico, mas foi desordenado, doente, repentista, impiedoso e comovente nos sermões. Creveu poesias, e o "mundo" é uma das suas obras. É confiante e confiante em Deus, Senhor.

Uma c

## HYMNO

## SUPPLICA

## 2. canto

Tu, Ser no qual dos seres  
 Sómente o ser consiste!  
 Que E's ser de quanto existe!  
 Se nutre e reproduz;  
 Se para a luz nascemos,  
 Depois da luz creados,  
 Eis-nos aqui prostados!  
 A luz, Senhor! A luz!

luz su-  
 so na  
 rante  
 sojos  
 a imensa,  
 sublime, santa,  
 este á terra —, á planta,  
 aos bons, aos máos!  
 õos tacteam  
 fundo;  
 mundo,

## FAGUNDES VARELLA

Dele poderia dizer que foi um dos nossos grandes poetas, e acrescentar — cristãos. Da maioria dos que aqui estão é possível duvidar da crença, porque a religião para eles era um motivo de beleza. O Evangelho nas Selvas, o Cântico do Calvário, são poemas humaníssimos do poeta byroniano e desorganizado que afirma, nesse fragmento, sua crença contra todos e contra tudo.

## ACUSMATA

D'onde parte esta voz? De que recinto  
 Misterioso, occulto, me dirige  
 Tão suaves concertos? Porventura  
 Além do firmamento, além dos astros  
 Uma plaga de paz e amor existe?  
 Onde está ella?... A mente se me abraça?  
 Por toda a parte só materia vejo,  
 Luzes, vapores, ar, globos, espheras,  
 Mundos e mundos, sempre cheio o espaço!

Onde repousa o solio do invisivel?  
 Onde se abriga o sopro imponderavel  
 Que anima os corpos dos mortaes na terra?...  
 Si as redeas solto á phantasia ardente,  
 Ella abandona o pó, transpõe as nuvens,  
 Vence as estrellas, deixa o sol e o ether,  
 Arroja-se atrevida no infinito,  
 E nada encontra além do eterno abysmo!  
 Nada! e no lodo engolfa-se de novo!

Perdão, perdão, meu Deos! Busco-te embalde  
 Na natureza inteira! O dia, a noite,  
 O tempo, as estações, mudos succedem-se,  
 E si fallo de ti mudos se escoão!  
 Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!  
 Da consciencia ao fundo eu te contemplo!  
 E movo-me por ti, por ti respiro,  
 Ouço-te a voz que o cerebro me anima,  
 E em ti me alegre, e choro, e canto e penso!

Da natureza inteira que aviventas  
Todos os elos a teu ser se prendem,  
Tudo parte de ti, e a ti se volta;  
Presente em toda parte, e em parte alguma,  
Intima fibra, espirito infinito,  
Move, potente, a criação inteira!  
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria:  
Se não posso adorar-te face á face,  
Ah! basta-me sentir-te sempre, e sempre.

Eu creio em ti, eu soffro, e o soffrimento  
Como ligeira nuvem se esvaece  
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos  
Minha essencia immortal brilhante e livre,  
Quando repito teu sagrado nome!  
Branca d'essa brancura immaculada  
Que os genios inspirados, n'esta vida,  
Longe dos erros, perto da verdade,  
Em vão tentaram descobrir nos marmores.

## D. AQUINO CORREIA

Arcebispo de Cuiabá, surpreendeu a critica com alguns livros de versos, elogiados por Osorio Duque Estrada e João Ribeiro. Recebido na Academia Brasileira de Letras pelo Sr. Ataulpho de Paiva, este assinalou, com muita finura, a semelhança entre o Pe. Caldas e D. Aquino.

“Já agora, dentro dela, e como lhe agrada, haverá, como já houve, uma voz adequada para dizer da grandeza e dos feitos da Igreja, e principalmente da poesia religiosa em nossa terra. Bemvidos sejam, assim, os versos de Monsenhor”.

## DEUS!

These are thy glorious works, Parent of Good,  
Almighty!

Milton (Paradise Lost)

Quem fez, ó minha alma, estas verdes campinas,  
Quem fez as boninas, quem fez estes céus?  
Quem fez nestas vargens as lindas palmeiras,  
Louçãs e altaneiras, quem foi, sinão Deus?

Quem fez esses astros que brilham nos ares,  
Quem fez dos luares os fulgidos véus?  
Quem fez estas aves gazis e canoras,  
Quem fez as auroras, oh! quem, sinão Deus?

Quem fez esse placido olhar do innocente,  
Que fala, eloquente, até mesmo aos incréus?  
Quem fez o sorriso das mães carinhosas,  
Melhor do que as rosas, quem foi, sinão Deus?

Quem foi que te deu, com a fé e a esperança,  
O amor, essa herança negada aos atheus?  
Oh! quem contará outras dadas santas,  
Tão ricas e tantas, que houveste de Deus?

São mais, muito mais que as infindas estrellas,  
Que orvalham, tão bellas, o azul destes céus;  
São mais do que as flores gentis desta terra,  
Que, emtanto, as encerra infinitas, meu Deus!

Quem, pois, ó minha alma, tem tantos direitos  
Aos férvidos preitos dos canticos teus?  
A quem votarás dos teus santos amores  
As mysticas flores, a quem? — Só a Deus!

Coxipó, 1904.

# DUNSHEE DE ABRANCHES

O coração católico do Brasil comoveu-se, bastante, com a prece comovidíssima de Dunshee de Abranches publicada agora. E' preciso não esquecer que o maranhense — como Graça Aranha, Aluisio Porto, foi agnosta na mocidade, como toda a geração que sentira as influencias de Aluisio Azevedo e Manuel de Bethencourt.

São do descrente de 18 annos esses versos da "Symphonia", em que toda a Natureza adora o Creator.

## SYMPHONIA

## AS MONTANHAS

As montanhas, Senhor, as pallidas montanhas,  
que perto sentem mais como abres dias a dia  
o coração da Terra em sensações estranhas:

As montanhas, Senhor, tão núas de poesia,  
eievam para ti, os braços descarnados  
na sua adoração symbolica e sombria.

Somos da velha Grecia os montes consagrados,  
onde o louro que cinge a fronte dos heroes,  
cresce a sombra sensual dos cedros pertumados.

Somos esse Hymalaya, aonde a tua voz  
vem de longe expirar nos cimos crystallinos  
que nao ouvem cantar os tristes rouxinões.

Somos os Pyrineus, somos os Apeninos  
os Atlas immortaes, os Alpes — longos rastros,  
onde se mira o ceu nos gelos argentinos.

Olhamos para o sol, irmãos dos grandes astros,  
somos do Novo Mundo os Andes colossaes  
da Selva americana o leito de alabastros

Somos na Terra, enfim, Senhor teus pedestaes,  
Descança sobre nós, e escreve a tua historia,  
que emquanto fôres Deus, seremos immortaes!

1902 — 1925.

**MOACYR DE ALMEIDA**

Morrendo aos 23 annos, Moacyr renovou o milagre da crença de Castro Alves: não chegou a duvidar, embora vivesse a vida atribulada da imprensa. Creu como todas as forças espontaneas da Natureza.

## DEUS

Numa aurora de lividos mysterios,  
Entre abysmos fatidicos te arrastas:  
Queimas as mãos nos turbilhões ethereos,  
Ensanguentas na pedra as mãos nefastas...

Egues-te aos sóes; desce aos cemiterios...  
E, natreva e nas lapides que afastas,  
Nunca ouvirás, entre clarões sidereos,  
A passagem de Deus nas noites vastas...

— Deus marcha nos relampagos!... — proclama  
O raio. E o orvalho: — Deus sorri nas flôres...  
E, na ansia eterna que te arrasta e inflamma,

Erras, sem vêr e ouvir, entre os abrolhos,  
Esse clamor que clama em teus clamores,  
Essa alvorada que arde nos teus olhos...

## TASSO DA SILVEIRA

E' o nosso primeiro poeta catolico, atualmente. O místico subtilissimo da "Dansa deante da arca" fez aquella renovação que Jackson acreditava que chegaria a fazer. O trecho, que transcrevemos, do **Cantico ao Cristo Redentor**, é a maior condenação da machina que conhecemos. Vale todas as apostrofes que se tem escrito a favor do homem: é apocalitico.

(Das "Alegorias do homem novo")

Fizeste-me infinito...  
Dó ser humilde, que de ti me vem,  
o minuscuro calice esvasias  
e enches de vida, sem cessar... Bemdito  
o perpetuo milagre do teu Bem!

Esta frauta, que sou, de humilde cana,  
conduziste-a por valles e collinas  
e por ella sopraste melodias  
eternamente novas e divinas,  
sob o tremor da minha voz humana!

As tuas dadivas perfeitas,  
só tenho as minhas duas mãos estreitas  
para as guardar...  
Mas quanto nellas mais thesouros deitas  
mais sobra espaço... E as minhas mãos eleitas  
mais alto se erguem para te implorar!

## CHRISTO

Contrição — Gregorio de Mattos.

Natal — Olavo Bilac.

Os tres olhares de Maria — Emilio de Menezes.

Soneto de Natal — Machado de Assis.

Jesus entre as creanças — Amadeu Amaral.

A Andorinha — Ademar Tavares.

Natal — Luiz Edmundo.

A Tentação — Gustavo Teixeira.

Ao Christo — Alfredo de Assis.

Belem — Jonathas Serrano.

Presepio — Wilson de Carvalho.

## GREGORIO DE MATTOS

Entre Araripe Junior e Silvio Romero, que entre si discutiam a quem dar a prioridade na nossa poesia, se a Gregorio de Mattos ou a Joseph de Anchieta, nunca houve accordo. Gregorio de Mattos foi o nosso primeiro poeta satirico. Todos os vicios do seu tempo, todas as ruindades e ridicularias da gente que vivia junto dele estão nos versos de quem dizia ao Christo:

“Pequei, Senhor, mas não por-  
[que hei pecado,  
Da vossa alta bondade me des-  
[pido”.

## CONTRICÇÃO

Meu Deus, que estaes pendente em um madeiro,  
Em cuja fé protesto hei-de viver;  
Em cuja santa lei hei de morrer,  
Amoroso, constante, firme e inteiro:

Neste transe, por ser o derradeiro  
Pois vejo a minha vida anoitecer  
E', meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um pae, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amôr e o meu delicto,  
Porém pode ter fim todo o peccar,  
Mas não o vosso amor, que é infinito.

Esta rasão me obriga a confiar  
Que por mais que pequei, neste conflicto  
Espero em vosso amôr de me salvar.

1839 — 1908.

**MACHADO DE ASSIS**

O poeta, que Machado de Assis foi, e grande, não teve ainda quem o analisasse, como ao prosador fizeram Alfredo Puyol, Graça Aranha e Alcides Maia. Esse Soneto do Natal foi muito recitado no Brasil do começo deste século.

## SONETO DE NATAL

Um homem — era aquella noite amiga,  
Noite, christã, berço do Nazareno, —  
Ao lembrar os dias de pequeno,  
E a viva dança, e a lepida cantiga.

Quiz transportar ao verso doce e ameno  
As sensações da sua idade antiga,  
Naquelle mesma velha noite amiga,  
Noite christã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,  
A penna não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
“Mudaria o Natal ou mudei eu?”.

1865 — 1918.

## OLAVO BILAC

O poeta infantil maior que tivemos foi este. A sua popularidade não é maior que a de Casemiro porque ele não tem o espirito da infancia, que Murillo notou no poeta das "Primaveras"; nem objetiva os seus versos, como Casemiro, que tem o culto da paisagem. Mas juntava o sentimento de humanidade ao sentimento de nacionalismo universalizado que era o seu orgulho.

## NATAL

No ermo agreste, da noite e do presepe, um hymno  
De esperança presaga enchia o ceu, com o vento...  
As arvores: "Serás o sol e o orvalho!" E o armento:  
"Terás a gloria!" E o luar: "Vencerás o destino!"

E o pão: "Darás o pão da terra e o pão divino!"  
E a agua: "Trarás o allivio ao martyr e ao sedento!"  
E a palha: "Dobrarás a cerviz do opulento!"  
E o tecto: "Elevarás do opprobio o pequenino!"

E os reis: "Rei, no teu reino, entrarás entre palmas!"  
E os pastores: "Pastor, chamarás os eleitos!"  
E a estrella: "Brilharás, como Deus, sobre as almas!"

Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,  
Tinha os olhos na terra em lagrimas desfeitos;  
Sendo pobre temia; e, sendo mãe, chorava.

## EMILIO DE MENEZES

O homem, nele, não ajudava o poeta. Aquele era burguez, imperfeitissimo, com anedotas, ás vezes mentirosas, que se espalhavam por todo o Brasil. Este era cristão, trabalhando no verso grandes poemas cristãos.

Ao lado desses tres sonetos ha o elogio das virtudes teologaes — Fé, Esperança e Caridade —, “No lago de Genezareth”, que é dos mais perfectos da lingua.

## OS TRES OLHARES DE MARIA

## I

## A ANNUNCIACÃO

Entre gente modesta, a existencia prosaica,  
 Longe do grande luxo e vivendo distante,  
 Do fausto babilonio e da pompa chaldaica,  
 Sem nada a lhe turvar o angelico semblante;

Diz uma tradição de santa lenda archaica,  
 Cuja veracidade a Escritura garante —  
 Floresce a melhor flôr da familia judaica,  
 Como um lotus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume  
 Em ter, pelo seu Deus e seu supremo guia,  
 Tudo que a dôr lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

“Mãe do Senhor serás!” — o archanjo lhe annuncia,  
 E Ella accende no olhar do espanto o estranho lume!  
 — Era o primeiro olhar dos olhos de Maria!... —

## II

## A PAIXÃO

Messias annunciado e do Céu predilecto!  
Tú que és filho de Deus e Rei do mundo todo,  
Filho da minha creança e meu primeiro affecto,  
Soffres dos máus, assim, o repellente apôdo?

Tens o Teu coração de bondade repleto,  
De perdões e de fé, de audacias e denodo;  
E eu vejo assim na terra, o Teu divino aspecto  
Maculado de sangue e coberto de lodo!...

Será possível, Deus! Pae da suprema graça!  
Que assim deixes passar pela dura agonia  
Por que Meu Filho, o Teu, por entre os homens  
(passa!?!...)

E nisto a Virgem Mãe, cujo olhar irradia,  
Tem nos olhos a dôr e a duvida a traspassa!...  
— Era o segundo olhar dos olhos de Maria!... —

## III

## A ASCENSÃO

Sinto-te, enfim, Senhor! Sei quem és Tú, meu Filho  
Que de Teu Pae trouxeste aos algozes da terra,  
O roteiro que mostra o verdadeiro trilho  
Que vae de bosque em bosque e vae de serra em serra.

Agora sinto, enfim, que todo o estranho brilho  
Que nos meus olhos vês e nos Teus olhos erra,  
No humano coração não encontra empecilho,  
Todo o rancôr acalma e acalma toda a guerra!

E' assim que a Virgem Mãe, entre preces, murmura,  
Vendo, entre nuvens de ouro e rara pedraria,  
A ascensão de Jesus para a infinita altura!...

Que era o filho de Deus, tudo lhe ali dizia...  
E em seus olhos brilhava a suprema ventura!...  
— Era o terceiro olhar dos olhos de Maria!... —

## AMADEU AMARAL

O Sr. Guilherme de Almeida, que se diz, como Rodrigues de Abreu, o poeta infeliz, discipulo de Amadeu, notou, numa conferencia, que a poesia de Amadeu era educativa. Na serenidade dos seus ritmos claros, de agua corrente, de margarida que se balança no hastil, não podia deixar o Christo de pôr o seu osculo. A poesia "de renuncia e de paz" de Amadeu foi bebida nele. E o **Jornal do Commercio** notou ser essa poesia, que se segue, primôr de humanidade, de consolo e amôr aos infelizes.

## JESUS ENTRE AS CREENÇAS

A Alberto de Faria.

Jesus repousa, sentado  
 sob a grossa raiz de uma figueira velha.  
 Como a arvore na luz do ocaso ensanguentado,  
 está quédo e sombrio. Ao som leve da aragem,  
 seu esquecido olhar, onde se espelha  
 a dôlencia do sonho e da meditação,  
 vaga, sem nada ver, na sombra da folhagem,  
 sobre a areia do chão.

Pedro, a um lado, contempla a face do Rabino.  
 Não fala; quer falar, mas não sabe que diga...  
 Receia interromper com uma palavra rude  
 o sereno esplendôr do alto sonho divino,  
 como o vento a encrespar a calma de um açude.  
 Mas receia tambem que a tristeza e a fadiga  
 tomem o coração do Mestre, e o coração  
 do Mestre muito amado, ao geito da figueira,  
 se dobre sobre si, e em soluços estale,  
 cheio da propria sombra, a pender para o chão.

E' pois com uma alegria prazenteira  
 que vê, além, no concavo do valle,  
 vir uma ronda extensa de creanças,  
 como flórea guirlanda desastrada,

pondo na asa do vento anciosa e rouca  
 o estrepito jovial dos cantos e das danças.  
 Faz menção de chama-las; mas recúa.  
 Olha para Jesus, que não vê nada,  
 e, carrancudo, leva o dedo á bocca,  
 onde um pouco de riso ainda flutúa.

Mas o Rabino desperta  
 dessa meditação longa e soturna,  
 e um clarão de alegria o rosto lhe illumina,  
 como um raio de sol bate o serro nevoento  
 ainda banhado da algidez noturna.  
 Fala, acena, sorri, com a alma tão descoberta,  
 com a voz tão meiga, tão crystallina,  
 tão infantil no accentto da ternura,  
 que o alacre bando pára, hesitante, um momento,  
 avizinha-se enfim do estrangeiro que o chama,  
 e cujo aspecto já o não assombra;  
 procura a mão serena que o procura,  
 mão de que o afago se derrama  
 como de um galho se desprende a sombra.

Jesus a todos fala com desvêlos,  
 envolve-os numa nuvem de carinhos.  
 A este prende-lhe as mãos nas suas mãos; estreita  
 aquelle sob um braço, outro sob outro braço;  
 alise-lhes os cabellos,  
 como quem animasse passarinhos.  
 E o seu sorriso bom suaviza o espaço...  
 Mas ha, nessa efusão de ternura perfeita,  
 — sombra que as rugas das água fazem na água, —  
 algo de um inefavel desconforto,  
 de uma secreta magoa.

Por fim, Jesus, de novo meio absorto,  
pegando as mãos de um pequenito louro,  
cuja cabeça brilha, cujos olhos  
brilham como cisternas de agua clara,  
depõe-lhe um beijo na madeixa de ouro...  
E' como se tomasse uma flor entre molhos  
de flores raras, como a flôr mais rara  
que tinha visto.

Pedro põe-se a pensar que esse infante ditoso,  
radiante de belleza e radiante de encanto,  
assim acariciado pelo Cristo,  
que o envolve num olhar tão longo e velludoso,  
será, de certo, no futuro, um santo,  
é um querubim, talvez, que se encarnasse.  
Jesus larga, porém, o infante que se esquivava.  
Levando a mão á face,  
volta á postura primitiva;  
curvado para o chão, o olhar todo encoberto.

Pedro não se contém: — Mestre, aquella creança...

Pedro, torna Jesus, como num livro aberto  
li todo o seu futuro.

— Um futuro de paz e bemaventurança?  
(Jesus Cristo sorri melancolicamente). —  
Dize-me então, Senhor, eu te conjuro:

Será um anjo, talvez, que nasce entre este povo?  
Que grandeza reserva o céu a este innocente?  
Será profeta? Será rei?...

— Será ladrão,

Diz o Rabino, o olhar mergulhado de novo  
na sombra que se alonga e que oscila no chão...

## ADELMAR TAVARES

O Sr. Adelmar Tavares é hoje o poeta brasileiro cuja poesia é toda feita de emoção. A humanidade desse poeta é adorável. Se de Raymundo Correia se disse que é o grande humanizador do nosso parnasianismo, o Sr. Adelmar Tavares, tão entusiasta do poeta de **Ave Maria**, é um poeta de humanidade total.

## A ANDORINHA

“Nos fios telegráficos da estrada”,  
 Como as de Antonio Nobre, ela estava pousada,  
 Frocada, encolhidinha,  
 No fim da tarde, essa andorinha.  
 Eu trazia a alma cheia de amargura,  
 Pela incompreensão dos que me ferem,  
 Sem nunca os ter ferido....  
 Pelos espinhos que cõlho das rosas que semeio...  
 Pela indiferença dos que recebem do meu farnel...  
 Pela maldade dos que se aquecem da minha lã...  
 Pela ingratidão de quasi todos de quem dou de minha  
 [alma.

Andara o dia inteiro para achar a quem contasse,  
 Da pena que me enchia o coração;  
 E só áquelle passaro tristonho,  
 Pousado e recolhido no seu sonho,  
 Eu pude, por aquella solidão,  
 Como o Santo de Assis chamar de “irmão”.  
 E em lhe abrindo o meu peito, essa andorinha,  
 Doce irmã das que ha sec'los na Judéa,  
 O Menino-Jesus soprou do barro,

Para mostrar a sua Divindade,  
 Recebeu minha mágua com ternura;  
 E me disse que orasse, de humildade,  
 Pelos que enchem de sétas o meu peito,  
 Pelos que dão espinhos, si dou rosas,  
 Pelos que ingratos são do meu farnel,  
 Pelos que esquecem quem lhes deu a lâ  
 Quando o inverno se vai, e o estio chega!  
 Por todos os que pisam na minha alma!

— Andorinha! — Falei de olhos em lágrimas.  
 E' o conselho que dás ás dôres minhas?!

— Não é o conselho meu, é o Exemplo, apenas  
 De Quem do barro fez as andorinhas...

Chegou na solidão daquela estrada,  
 A voz de um sino no morrer do dia,  
 Por tudo a Sombra se desenrolava...  
 Luta da treva e a luz... O sol morria...  
 Onda de fé tomou-me o coração...  
 Dobrei joelhos e orei... (O passarinho  
 Parecia, entre os fios, uma estrella...)  
 E eu vi Jesus passar pelo caminho,  
 Como num sonho, sem tocar no chão,  
 Trazendo o Sol, num feixe luminoso,  
 Suspenso á concha da Divina Mão!...

## LUIZ EDMUNDO

O Brasil inteiro conhece, no Sr. Luis Edmundo, o poeta que trouxe um tom seu, individual, poeta á parte, neo-romantico sem exagero, como sem exagero fôra simbolista. O cristianismo está embebido no quadro do Natal, que nos apresenta.

## NATAL

Cale-se o mundo, ha um luar de mysticôs palores.  
O vento lembra uma harpa a tocar de surdina.  
Brilha pela extensão do céu da Palestina,  
Num prenuncio feliz, a estrella dos pastores.

A vida acorda e vem do calice das flôres  
A' alma do homem que sente, um fulgor que o fascina.  
A ovelha bala, o boi muge, o pastor se inclina,  
Ha um balsamo por tudo a amenizar as dôres.

Jesus nasceu: a fé que os corações ampara  
Desce ás almas, buscando os intimos refólhos,  
Como os raios do sól numa lagoa clara.

Maria, porque vê Jesus, pequeno e langue,  
Põe um riso feliz na doçura dos olhos,  
Que hão de chorar, depois, as lagrimas de sangue.

## GUSTAVO TEIXEIRA

Aparecendo com Rodrigues de Abreu, o Sr. Gustavo Teixeira não evoluiu, como ele, ao modernismo. O Sr. Sud Menucci notou muito bem a linha da sua poesia, que ficara parnasiana. Esse soneto, inédito em livro, foi publicado, já este ano, na revista de Veiga Miranda.

## A TENTAÇÃO

A Veiga Miranda

Ao longo do Jordão, num aspero deserto,  
Óra o Filho de Deus, o Filho muito amado,  
Quando, volvendo em torno o obliquo olhar incerto,  
Surde a sombra infernal do Archanjo Condemnado.

Vae tentar a Jesus. Pinta-lhe um céu aberto  
Com toda a seducção terrestre do peccado.  
Promette ouro aos montões: "Tens a gloria tão perto!  
Adora-me e andarás de purpura e brocado!"

E transportando Christo ao cimo da montanha,  
O Anjo Revel, com voz de melodia extranha,  
Lhe diz, mostrando em torno a terra aberta em rosas:

"Vês? Serás o maior monarcha deste mundo!"  
Mas, a um gesto de Christo, ás Plagas Tenebrosas  
Volve Lusbel, rangendo os dentes, furibundo!

**ALFREDO DE ASSIS**

Colaborou na Revista Americana. E' de S. Paulo. Fez parte do grupo bilaqueano? Parece que sim, por que Martins Fontes o cita no seu livro **O Collar Partido**. Esse soneto é muito conhecido em todo o interior do paiz.

## AO CHRISTO

Quando morrias, no Calvario, ouvindo  
Em torno, e em tudo um longo pranto, quando  
Iam as sombras vesperaes cahindo  
E infinita tristeza derramando,

Não sei quem mais soffreu, si tu sentindo  
Tranquillo a morte e a morte abençoando,  
Si Tu, oh! Christo, pallido, sorrindo,  
Ou si Ella, a Virgem, pallida, chorando.

Não sei quem mais soffreu, si Tu morrendo  
Mais ainda por ver que Ella chorava,  
Si Ella chorando por Te ver soffrendo,

Nem quem teve a maior das agonias,  
Si Tu sentindo a dôr que te matava,  
Si Ella sentindo a dôr que Tu sentias.

## JONATHAS SERRANO

Professor do Collegio Pedro II, é um crente convicto, que tem dado muito das suas forças espirituaes á propaganda da Religião e á Fé. Esses versos são do livro "A Montanha de Christo". O capitulo final do seu Epitome de Historia devia ser lido por todos os moços do Brasil para lhes dar uma visão synthetica da coordenada tempo na civilização.

## BELEM

Fins de dezembro. A noite é fria.  
Pesa um silencio triste, enorme  
Por sobre a terra, que sorria  
A' luz do sol. E tudo dorme.

O luar, agora, algido, escorre  
Pelas campinas. Valles, montes  
Dormem. Apenas vela e corre  
A agua do rio, a agua das fontes.

Velam tambem os pegureiros.  
Guardam, fieis, os seus rebanhos.  
E esses zagaes, rudes, grosseiros,  
A' luz do luar eornam-se extranhos.

Olhando o céu (que noite linda!)  
Falam com toda a gravidade  
Desse Messias, cuja vinda  
Espera anciosa a humanidade.

## WILSON DE CARVALHO

Mocidade em flôr. 21 annos. O seu livro **Ouro em pó**, 1932, foi elogiado pela critica. O **Jornal do Commercio** affirmou: E', com certeza, um poeta. Poderá ser um grande poeta.

## PRESEPIO

E' do Brasil  
o presepio de natal.  
E a mãe beata,  
na meza da sala,  
faz presepio verde,  
com gramma natural —  
— tem a mangedoura,  
onde Jesus nasceu,  
a estrella amarella  
que no céu appareceu;  
tem carneirinho,  
ovelhinha, um gallo...  
Se tivesse um apparelho fallantê,  
de certo,  
os reis magos rezariam em voz alta,  
o carneirinho berraria...  
E, eu,  
Acharia bem mais lindo,  
ouvindo do céu  
o canto dos anjos  
e na terra  
o choro do menino Jesus.

## CICLO DE NOSSA SENHORA

- Poema da Virgem — Joseph de Anchieta.  
A Conversão de Gupeva — Santa Rita Durão.  
Minha Nossa Senhora — Affonso Celso.  
A Ave-Maria — Raymundo Correia.  
A Voz do Sino — Vicente de Carvalho.  
A Nossa Senhora — Alphonsus de Guimarães.  
As Mãos da Virgem — Idem.  
A Nossa Senhora — Pe. Antonio Thomaz.  
Rosas — Belmiro Braga.  
Jesus! Maria! — Auta de Souza.  
Num Album — Alberto de Oliveira.  
Poema — Jorge de Lima.  
Mater Dolorosa — Moacyr de Almeida.  
A Festa da Padroeira — Povina Cavalcanti.

## JOSEPH DE ANCHIETA

Incontestavelmente, o “nosso” santo. E o primeiro poeta que tivemos. Deixou as suas “Annuas”, descrição e historia das missões, que serviram de fonte á “Chronica”, de Simão Vasconcellos; uma completissima Grãmmatica da Lingua Geral; e os seus dialogos e autos, a mais antiga reminiscencia da poesia popular no Brasil; e o “Poema da Virgem”, feito quando servia como refém entre os tupinambás, então em negociação com os portuguezes, com os quaes fizeram, logo depois, uma paz que se seguiu a lucta encarniçadissima.

## POEMA DA VIRGEM

## INTRODUÇÃO

Eis os versos que a vós, ó Mãe Sanctissima,  
Votei outr'ora, em que me vi na ilharga,  
De feroz inimigo circulado.

Si pois minha presença abranda as hostes  
Dos Tamoyos, e inerme entre ellas trato  
De paz mistér tranquillo, a graça vossa  
Foi que alentou-me com materno affecto.  
Salvou meu corpo e alma vosso amparo

5

Inspirando-me Deus: ó quantas vezes  
Desejei em prisões crueis e dôres  
Soffrer morte de martyr! Mas meus votos  
O repudio tiveram merecido,  
Pois só cabe aos heróes tamanha gloria.

10

---

O original foi escrito em latim, nas arcias de Benavente. B. Calixto tem um lindo quadro em que pinta Anchieta escrevendo os seus versos. Na tarde que vem caindo, o burel do frade se destaca no seu perfil sonhador. Repare-se na tradução classica de Pereira da Silva o erro de colocação do pronome me, verso 7.

1737 — 1784.

## SANTA RITA DURÃO

Não é fácil considera-lo brasileiro, porque pensava em portuguez camoneano. Mas no seu "Caramuru" ha uma tal brasilidade de assunto, que faz dele um dos nossos épicos. Registe-se aqui a observação, já feita, de que o momento, em que ele escreveu, era o unico — no tempo — em que podia fazer-se sentir a nossa epopeia, e figure-se a formosura da scena idealizada no poema, onde o sentimento catolico se une profundamente ao sentimento brasileiro.

## A CONVERSÃO DE GUPEVA

Accesa a luz na lobrega caverna,  
 Vê-se o que Diogo ali das náus levára;  
 Roupas, armas, e em parte mais interna,  
 A polvora em barris, que transportára:  
 5 Tudo vão vendo á luz de uma lanterna,  
 Ouro e prata, que a inveja não lhe atixa:  
 Sem que o appetença a gente nada ávara,  
 Nação feliz! que ignora o que é cubiça.

Mas entre objectos varios a que attende,  
 10 Nota Gupeva extatico a pintura,  
 Que num precioso quadro, que ali pende,  
 Representava a Mãi da formosura.  
 Se seja cousa viva, não entende;  
 Mas o suspeita bem pela figura,  
 15 Digna a pessoa, de que a imagem era,  
 De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

Esta, pergunta o barbaro, tão bella,  
 Tão linda face, accaso representa  
 Alguma formosissima donzella,  
 20 Que esposa o Grão Tupá fazer intenta?  
 Ou porventura que nascesse della,  
 Esse, que sobre os céos no sol se assenta?  
 Quem pode geração saber tão alta?  
 Mas se ha mãi, que o gerasse, esta é sem falta.

- 25 Encantado está o pio lusitano  
 De ouvir em rude bocca tal verdade;  
 Mãi ter não pôde, disse, a divindade.  
 Mas sendo Deus eterno, fez-se humano,  
 E sem lezão da propria virgindade,  
 30 A donzella o gerou, que piza a lua  
 Digna mãi de Tupá, mãi minha e tua.

- Peçamos, pois, que é mãi, que nos defenda;  
 Que te dê para ouvir docil orelha,  
 E comtigo o teu povo recommenda.  
 35 Dizendo o heróe assim, devoto ajoelha,  
 Gupeva o mesmo faz com voz estupenda;  
 E pendente de Diogo, que o aconselha,  
 Levanta as mãos, como elle levantava;  
 E vendo-o lacrimar, tambem chorava.

- 40 Mas crendo rude, como então vivia,  
 Que fosse cousa viva a imagem santa;  
 Que por mãi de Tupá tudo sabia,  
 Tendo poder conforme a gloria tanta;  
 Repete o que ouve a Diogo com voz pia,  
 45 E á mãi de Deus o coração levanta.  
 E encostando entre os rogos a cabeça,  
 Faz a noite e o desvello que adormeça.

## AFFONSO CELSO

Eiinho do Visconde de Ouro Preto, Affonso Celso de Assis Figueiredo, herdou a intelligencia do grande estadista. Tornou-se conhecido de todas as creanças do Brasil através do livro "Porque me ufano do meu paiz", hino á grandesa brasileira. Reuniu poesias catholicas em "Lampejos sacros". E' conde pontificio, e um dos nomes mais respeitaveis do Brasil de hoje.

## MINHA NOSSA SENHORA

“Minha Nossa Senhora!” o povo exclama  
E esta frase, sem duvida, incorrecta,  
Exprime, da maneira mais completa,  
Teu prestigio sem par que o mundo aclama.

E's minha só, minh'alma é que te chama  
Para aplacar-lhe a agitação secreta;  
Mas és nossa também, pois meiga e recta,  
Teu favor sobre todos se derrama.

Minha Nossa Senhora, em teu regaço,  
Acolhe compassiva o meu cansaço,  
Recebe o coração que em dôr se aninha;

Mitiga as dores, o amargor adoça,  
Do mal de todos nós, Senhora nossa,  
Deste soffrer só meu, Senhora minha!

1860 — 1911.

**RAYMUNDO CORREIA**

Foi o grande humanizador do nosso Parnasianismo, disse Jackson. E foi, além disso, um justo, um bom.

Quando toda a sua geração queria dizer, ele queria pensar. Era um santo que realisava um milagre encantador de antecipação.

## A AVE MARIA

**Ave Maria!** Emquanto nas campinas  
As "bôas-noites" abrem, mysteriosas  
Boccas exhalam no ar phrases divinas,  
Como suave emanação das rosas...

O' noivas do infortunio lacrimosas,  
Creanças loiras, morbidas meninas,  
Orphãs de lar e beijo, que, piedosas,  
Ergueis aos céus as magras mãos franzinas.

Quando rezaes, ás horas do sol - posto,  
A **Ave - Maria** assim, no azul parece  
Sorrir-se a Virgem - Mãe aos desvalidos;

Nossa Senhora inclina um pouco o rosto  
Para escutar melhor tão meiga prece,  
Hymno tão doce e grato aos seus ouvidos.

1866 — 1922.

## VICENTE DE CARVALHO

O grande romantico do nosso parnasianismo. Esse fragmento, humanissimo, do **Fugindo ao captiveiro**, e esse trecho de **A voz do sino** mostram como ele sentia cristãmente.

E' curioso lembrar que Ozanam achava que a primeira Ave-Maria foi a do anjo, que lhe annunciou Cristo, ao que se acrescentava que ela foi a Prometida dos Seculos.

## A VOZ DO SINO

(fragmento)

Sobre a soleira da porta,  
Da casa pegada á minha,  
Vejo sentada a vizinha,  
Moça, e bonita... Que importa?

Tem, nos braços, o filhinho;  
Fala-lhe, toda carinho;  
Elle ouve, sorri; depois,  
Responde-lhe, balbucia...

E de mãos postas, os dois  
Murmuram a **Ave, Maria.**  
Ante meus olhos perpassa  
Uma visão: imagino

Maria, cheia de graça,  
Jesus, loiro e pequenino.

Uma tarde côr de rosa...  
Uma villa assim modesta,  
Assim tristonha como esta...

De pescadores, tambem...  
Sobre a planicie arenosa  
Por onde o Jordão deriva  
Pousa a sombra evocativa  
Das montanhas de Sichem...

A' porta de humilde choça,  
Uma mulher... Quem é ella?  
E' pobre... é jovem... é bella...  
E é Mãe: commovida, a espaços,  
O seu sorriso se adoça,  
O seu olhar se illumina  
Para a figura divina  
Dô filho que tem nos braços.

Mostra-lhe, á noute que estréla  
O céu e que a terra ensombra,  
Como a terra é toda sombra,  
Como o céu é todo luz...  
E o filho, enlevado nella,  
Em extase balbucia...  
A primeira **Ave, Maria,**  
Quem a rezou foi Jesus.

## ALPHONSUS DE GUIMARÃES

E' este, já o notou alguém, o ultimo poeta parnasiano. Ao lado de Bilac, Raymundo Correia e Vicente de Carvalho, hombraia com eles na grandeza. Mas sentiu como ninguem o peso da Palavra, **Inania Verba**. Foi o maior dos simbolistas, egual a Cruz e Souza. As "jornadas astraes da sua musa mística" arrastaram-no longe, muito longe, quando em Barbacena, de onde nunca saiu, como a sua "Ismalia".

"As azas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar".

## A NOSSA SENHORA

Doce consolação dos infelizes  
Primeiro e ultimo amparo de quem chora,  
Oh! dá-me allivio, dá-me cicatrizes  
Para estas chagas que te mostro agora.

Dá-me dias de luz, horas felizes,  
Toda a innocencia das manhãs de outróra:  
As columnas de nuvens em que pizes.  
Transformam-se em clarões de fim de aurora.

Tu que és a Rosa branca entre os espinhos  
Estrella do alto mar e torre forte,  
Vem mostrar-me, Senhora, os bons caminhos.

Que ao meditar as tuas Sete Dôres,  
Eu sinto na minha alma a dôr de morte  
Dos meus peccados e dos meus terrores...

## AS MÃOS DA VIRGEM

“Mãos que os lírios invejam, mãos eleitas,  
Para alliviar de Christo os soffrimentos,  
Cujas veias azues parecem feitas  
Da mesma essencia astral dos oleos bentos.

Mãos de sonho e de crença, mãos affeitas  
A guiar do moribundo os passos lentos,  
E em seculos de fé, rosas desfeitas,  
Em hymnos sobre as torres dos conventos;

Mãos a bordar o santo Escapulario,  
Que revelastes para quem padece  
O ineffavel consolo do Rosario:

Mãos ungidas no sangue da Corôa,  
Deixae tambem sobre a minha Alma em prece,  
A benção que redime e que perdôa!”

## PE. ANTONIO THOMAZ

E', actualmente, o primeiro poeta cearense, apesar da inveja de muita gente, maracajá ou não.

Tem versos que o paiz inteiro conhece. Móra no Ceará, e é athigo da sua provincia.

## A NOSSA SENHORA

Proclama em altas vozes toda a terra,  
Oh! Virgem Mãe de Deus formosa e pura,  
Os extremos de amor e de ternura  
Que o vosso coração piedoso encerra.

A doce luz de vosso olhar desterra,  
De sobre a triste humana creatura,  
Que proteção e auxílio em vós procura,  
Os torvos males que lhe fazem guerra.

Cheio pois de esperança a vós recorro,  
Vossa assistencia maternal socorro,  
Humilde imploro em pungitivos brados.

O vosso olhar de incomparavel brilho  
A mim volvei... tambem sou vosso filho,  
Oh! Mãe dos tristes, Mãe dos desgraçados.

## BELMIRO BRAGA

Jackson de Figueiredo diz que são os versos, que se vão ler, como ponte florida entre a margem, em que ficaria a nossa poesia popular contemporânea, e a em que está a nossa poesia propriamente literária, inspirada em Maria, e que certo estão entre os mais lindos que conhece a língua portuguesa.

## ROSAS

Segundo uma lenda antiga,  
 Maria, com S. José,  
 Fugindo á gente inimiga  
 Transpoz caminhos a pé;

E á proporção que Maria  
 Deixava o rastro no chão,  
 Todo o caminho floria  
 De rosas em profusão.

Pelos trilhos e barrancas  
 Das estradas, viu-se em breve  
 O estendal das rosas brancas  
 Tudo enfeitando de neve.

De um branco suave e doce  
 As rosas. Nenhuma havia  
 Pela terra, que não fosse  
 Da côr dos pés de Maria.

Depois de tempos volvidos,  
 Ao peso de immensa cruz,  
 Pelos caminhos floridos  
 Um homem passa — Jesus.

E sobre o estendal de flores,  
De seu corpo o sangue vae  
Cahindo, e Elle, entre mil dores,  
Não geme, não solta um ai.

Passou, e pelas barrancas,  
Sob as azas das abelhas,  
Dos tufos das rosas brancas,  
Brotaram rosas vermelhas.

Só duas côres havia  
De rosas, que aqui registro:  
A côr dos pés de Maria  
E a côr das chagas de Christo.

## AUTA DE SOUZA

Poetisa mística, que Jackson admirava, e tanto que lhe escreveu um livro. A verdade é que é a nossa única poetisa católica; Gilka é religiosa. Ela é católica, embebida de Cristo, e crê com sinceridade. Não é outra a essência da poesia.

## IESUS! MARIA!

A Clotilde Sant'Iago

Meu coração guarda escriptos  
 E canta em doce harmonia  
 Estes dous nomes bemditos:  
 Jesus! Maria!

Se o dia nasce, e, na altura,  
 O Sol formoso irradia,  
 Minh'alma acorda e murmura:  
 Jesus! Maria!

Se a noite desce, e, tão brando  
 O Sonho azul me inebria,  
 Sempre adormeço cantando:  
 Jesus! Maria!

Da Illusão se o sopro lindo  
 Todo o meu ser extasia,  
 Alegre digo, sorrindo:  
 Jesus! Maria!

Meu coração quando puisa,  
 Louco de dôr e agonia,  
 Ainda grito convulsa:  
 Jesus! Maria!

Jesus! Maria! Invocando  
 Em vós o sol que alumia,  
 Quero morrer soluçando:  
 Jesus! Maria!

27 de Julho de 1898.

**ALBERTO DE OLIVEIRA**

Dessa poesia, que vamos transcrever, disse o Sr. Brenno Arruda, o mais autorizado comentador da obra do illustre poeta: "Ao ler-se os versos do pequeno poema (outro nome não se lhe pôde dar) Salve Maria, onde esse mysticismo culmina e que, pela sua belleza e suavidade, pelo seu profundo sentimento religioso talvez não tenha rival em toda a poesia catholica, sente-se de tal modo viva, de tal modo insinuante, de tal modo suggestiva e communicativa a presença desse mysticismo que se tem a forte impressão de que foi apenas por escrupulo religioso, por instinctivo respeito. Aquella que foi mais pura do que os lyrios e mais perfumada do que as rosas, que elle substituiu o vocabulo Ave, ali exacto, rigoroso, pela expressão "Salve".

## NUM ALBUM

Gloria, Maria da Gloria,  
 Que vae onde os mais não vão;  
 as mães dos homens, na historia  
 ficam; esta, á excelsa gloria,  
 sobe, onde os anjos estão...

## SALVE, MARIA

Salve, Maria. Subiste Aquela  
 que te ascenava na luz da estrela  
 que te esperava, que te falava,  
 do fim do dia!

Foi-te a existencia continuo anseio,  
 uma saudade de claridade  
 da immensidade do Céu, e creio  
 te elle sorria

nesse sorriso, que nos transporta,  
 e todos vemos, fixo e brilhante,  
 no teu semblante, depois de morta.  
 Salve, Maria! Parece

que os sons divinos, nos cristalinos  
 céus ouço aos hymnos, em minha prece  
 ouço a harmonia.

Depois de tantas horriveis dôres,  
 Alças-te á gloria das grandes almas,  
 Cingem-te palmas, vestem-te illores,  
 Salvé, Maria.

**JORGE DE LIMA**

Poeta modernista, alagoano. Seus poemas brasileiríssimos eram cheios da crença simples do nosso interior. Os "Novos poemas" estão impregnados de fé, e também da devoção, propriamente, do culto realizado do Brasil — nas suas festas, nas suas lendas, nos seus milagres. Quem faz a tristeza, o desespero? Os olhos pretos. N. Senhora da Conceição os fará verdes, como os seus, animados de vida e de sonho como o mar....

## POEMA

A' memoria de Jackson.

Nossa Senhora, minha madrinha,  
 tu vês as coisas verdes, não é?  
 Meus olhos pretos, coitados delles!  
 Teus olhos verdes, felizes delles,  
 minha madrinha, Nossa Senhora da Conceição!

Nossa Senhora, dá-me teus olhos  
 para eu vêr com elles meus pobres olhos.  
 Coitados delles, minha madrinha,  
 só veem as coisas como ellas são.

Nossa Senhora, minha madrinha,  
 pinta meus olhos, que eu quero ver  
 verdes os dias que inda virão.  
 Nossa Senhora, minha madrinha,  
 tu vês as coisas verdes, não é?

Teus olhos verdes, felizes delles!  
 Meus olhos pretos, côr de carvão!  
 Nossa Senhora, minha madrinha,  
 tu vês meus olhos como elles são?

Maceió — Março de 1929.

C R I S T Ã

## MOACYR DE ALMEIDA

(Veja pag. 41)

## MATER DOLOROSA

“Videte si est dolor sicut dolor meus”  
— Evangelho.

Quando o espectro da Cruz, braços na noite abertos,  
Fez tremer de afflicção os sinistros desertos  
Da Vida, onde chorava a Humanidade, — um grito  
Tombou de treva em treva, assombrando o intinito.  
E aos olhos de Jesus, cujo esplendor celeste,  
Em blandicias de luar, o azul das almas veste,  
Passou como um clarão toda a odysséa ingente  
Que elle soffrera, só, martyrizantemente,  
Na ansia de conduzir ao Ararat da crença  
Um punhado de heróes, dentro da barca immensa  
Da Fé. Surgiu, á luz angelizante e clara  
Do verbo de Elohim, a multidão ignara,  
Caminhando regiões todas floridas de astros,  
— Mar de almas a rolar na sombra dos seus rastros...

Viu-se, nas multidões, o coração partindo  
Num turbilhão de sóes, para aclarar o infindo  
Sahara do soffrimento, e para illuminar  
O carcere fatal que toda a angustia encerra,  
Galeante na amplidão como um navio — a Terra, —  
Entre opalas do céu e esmeraldas do mar...  
Viu-se, em prantos, depois, no Horto das Oliveiras,  
Bebendo da amargura as gottas derradeiras;  
E, empós do beijo vil de Judas, viu-se exangue,  
Lembrando, ao percorrer a estrada do tormento,  
De tão tragico, tão flammante, tão sangrento,  
Uma chamma, um incendio, uma aurora de sangue.

E, levantando o olhar ao concavo profundo,  
 Abrindo os corações, e os corações abertos  
 Viu-se desfeito em sol, abraçando os desertos,  
 Fazendo rebentar em preces pelo Mundo,  
 Quando o verbo de Deus — estrella dos pastores, —  
 Qual semente plantada á sombra azul da Cruz,  
 Se arrojasse no céu, num vortice de flores.  
 Sobre as almas erguendo uma arvore de luz.

Nisto, a voz de Maria, allucinada e afflicta,  
 Em lagrimas compondo a musica bemdita  
 Do amor materno, veio a tréva encher de dor,  
 Qual si um rio de pranto, á noite do Calvario,

Viesse se desprender pelo infinito estuario  
 De um coração de mãe, numa explosão de amor:  
 — “Meu filho! (E a propria cruz tremeu de commo-  
 [vida.]

Regressas para o azul, de onde desceste á vida...

Morres, livido e mudo, ante os ermos espaços...  
 Arranca-te da cruz! Filho, desce a meus braços!  
 Nem sinto no meu seio o coração clamando,  
 Ao vêr-te, exaustos, só, sangrento, semi-nú.  
 — E’ que elle estala em dor, neste madeiro infando,  
 Crucificado em ti... Meu coração és tu!”

E, alçando o humido olhar de cérulas tristezas  
 Sentiu que, na explosão do seu immenso amor,  
 Sendo mãe do Rabbi, — grandeza das grandezas, —  
 Era sómente mãe...

E succumbiu á dor.

— “Oh! — de novo tornou — abriste ao Mundo o trilho  
 Do Bem, no sangue teu, — rubra aurora do Bem;  
 Mas não sabes, Jesus, não viste que, meu filho  
 Pregando-te na cruz, pregaste-me tambem?”

Christo, baixando o olhar de divinos fulgores,  
 Onde a alma foi buscar zodiacos de luz,  
 Ergueu a voz (e, em sangue, ardia, aberto em flores,  
 O cruzeiro-do-sul das chagas de Jesus):

— “Mãe! Espalha o almo luar dos teus olhos divinos  
 No mundo onde se expande o divino clarão...  
 Vê! Da minha tortura ha-de romper, em hymnos,  
 O coração de Deus em cada coração!

Vê, dolorosa Mãe: a alma, como outro Christo  
 No homem — a cruz de carne — arfava em prantos e  
 E eil-a! Banhada em sol, como um astro bemquisto,  
 Embebe no infinito as azas supernaes! [ais;

Sinto o sangue ferver, entre espinhos, na fronte!  
 Sinto, em ansias de fogo, arder, na bocca, o fel!  
 Mas vejo flammejar, nos longes do horizonte,  
 As grandezas de Deus, marulhando em tropel...

Não chores, minha Mãe... Dos abysmos malditos,  
 Meu sangue alvoreceu nos dominios de Deus:  
 — Arranquei duma cruz a Humanidade em gritos,  
 Nos braços desta cruz prendendo os braços meus!”

Calou-se. Erguida aos céos, formidavel e fria,  
 Rasgava a noite a cruz; e, pregado na cruz,  
 Ardia o coração dorido de Maria  
 Dentro do coração dorido de Jesus...

## POVINA CAVALCANTI

Quando estava no auge a ferventação modernista — e só havia olhares para os combates entre os tres ou quatro grupos que se formavam entre os inovadores, Povina Cavalcanti, então ainda mais moço do que hoje, colocou-se independente, e se não armou rixa com os victoriosos do momento defendeu a necessidade de uma estetica humana. O Brasil inteiro conhece hoje a **Palavra do Silencio**. E esse quadro de novena não é mais brasileiro que as tangas dos antropofagos de S. Paulo?

## FESTA DA PADROEIRA

Noite de festa. O pateo da matriz,  
cheio de gente, tumultua.  
Barraquinhas de feira,  
o povo comprimindo-se na rua  
em devoção á santa padroeira...  
Dentro da igreja, homens e meninos  
rezam a novena.  
Resôam hymnos  
á Regina Coeli:

— Santa Maria Magdalena...  
Hoje, não sei porque,  
aquelle  
panorama da infancia tão feliz  
minha alma vê  
como, outr'ora, no pateo da matriz.  
O leilão de prendas:

- “Quanto me dão  
pela caixinha de segredo  
que offereceram  
á Santa Maria Magdalena?”  
— “Quanto me dão  
por um lencinho de rendas?”

E assim todas as noites de novena...  
 Outras vezes o leiloeiro  
 gritava a prenda original  
 de um coração porta-alfinete...  
 corria manso o mez de fevereiro.  
 O céu era estrellado.  
 Que prenda sensacional!  
 Adorno ou puro enfeite,  
 anda commigo, acima e abaixo,  
 este symbolo maguado...

— “Affrontas faço, mas não acho;  
 mais achara, mais tomara!  
 Quanto me dão  
 por este coração?  
 Toca o bombo, solta o foguete...”

E o foguete estrugia,  
 ao ser arrematado o coração,  
 como todo o coração,  
 porta-alfinete...

Mas a gente depressa o symbolo esquecia.  
 A festa continuava á porta da matriz.  
 E impassivel, no céu,  
 indifferente e fria  
 (outro symbolo da humanidade...)  
 a lua pallida fulgia.

# PATRIA

- Jesuitas — Castro Alves.  
Jesuitas — Castro Alves.  
Cruzeiro do Sul — Luiz Guimarães Junior.  
A Primeira Missa no Brasil — Luiz Delphino.  
Anchieta — Olavo Bilac.  
Fugida ao captivo — Vicente de Carvalho.  
Primeira Missa no Brasil — Murillo Araujo.  
Mãe — Paula Barros.  
O Milagre de Guaxenduba — Humberto de Campos.  
Terra de Santa Cruz — Rosalina Coelho Lisboa.

## CASTRO ALVES

Não era possível ter, na idade em que morreu, accentuado sentimento religioso. Mas se não comprehendia também que — poeta completo — deixasse de ser um poeta cristão. Cristianissima foi toda a sua pregação em bêm d'“Os Escravos”, e houve poesias suas como “Hebréa”, que se tornaram, no interior do Brasil, canticos sacros.

Castro Alves foi o mais brasileiro dos nossos poetas. Foi Castro Alves.

## JESUITAS

Quando o vento da Fé soprava Europa,  
 Como o tufão impelle ao ar a tropa  
 Das aguias que pousavam no alcantil,  
 Do zimbório de Roma a ventania  
 O bando dos Apost'los sacudia  
 Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extinctos luzimentos!  
 O pó da catechese aos quatro ventos  
 Revôava nos céus.

Floria após na India ou na Tartaria,  
 No Mississipi, no Peru', na Arabia,  
 Uma palmeira — Deus!

O navio maltez, do Lacio a vela,  
 A Lusa náu, as quinas de Castella,  
 Do hollandez a galé,  
 Levavam sem saber ao mundo inteiro  
 Os **vandalos** sublimes do Cordeiro,  
 Os **Attilas** da Fé!

Onde ia aquella náu? — Ao Oriente.

A outra? — Ao Polo. A outra? — Ao Occidente.

Outra? — Ao Norte. Outra? — Ao Sul.

E o que buscava? — A fóca além do polo,

O ambar, o cravo do indiano solo,

Mulheres em Stambul?

Ouro — na Australia? Pedras — em Missóra?  
 Mentira!... respondia em voz canóra,  
 O filho de Deus...

Pescadores!... Nós vamos no mar fundo  
 Pescar almas p'ra o Christo, em todo o mundo,  
 Com um anzol — a Cruz!

Homens de ferro! Mal na vaga fria  
 Colombo ou Gama um trilho descobria  
 Do mar nos escarcéus,

Um padre atravessava os equadores,  
 Dizendo: — Genios! Sois os batedores  
 Da matilha de Deus!

Depois as solidões surpresas viam  
 Esses homens inermes que surgiam  
 Pela primeira vez!

E a onça recuando se esgueirava  
 Julgando o Cruxifixo alguma clava,  
 Invencível talvez!

O martírio, o deserto, o carão, o espinho,  
 A pedra, a serpe do sertão maninho,  
 A fome, o frio, a dôr,  
 Os insectos, os rios, as lianas,  
 Chuvas, miasmas, settas e savanas,  
 Horror e mais horror.

Nada turbava aquellas fronte calmas,  
 Nada curvava aquellas grandes almas,  
 Voltadas p'ra amplidão...  
 No emtanto, elles só tinham, na jornada,  
 Por couraça — a sotaina esfarrapada,  
 E uma cruz — por bordão.

Um dia, a taba do Tupy selvagem,  
 Tocava alarma... Embaixo da folhagem  
 Rangera estranho pé...  
 O caboclo da rêde ao chão saltava,  
 A setta hervada, o arco recurvava...  
 Estrugia o boré.

E o tacape brandindo, a tribu fera  
 De um tigre ou de um jaguar ficava á espera,  
 Com gesto ameaçador...  
 Surgia então, no meio do terreiro,  
 O padre, calmo, santo, sobranceiro,  
 O Piaga do Amôr.

Quantas vezes então, sobre a fogueira,  
 Aos estalos sombrios da madeira,  
 Entre o fumo e a luz,  
 A voz do martyr murmurava unvida:  
 — Irmãos! Eu vim trazer-vos — minha vida,  
 Vim trazer-vos — Jesus!

Grandes homens! Apostolos heroicos...  
 Elles diziam mais que os estoicos!  
 Dôr — tu és um prazer!  
 Grelha, és um leito! Braza — és uma gemma!  
 Cravo — és um sceptro! Chamma — um diadema!  
 O' morte — és o viver!

Outras vezes, no eterno itinerario,  
 O sol, que vira um dia, no Calvario,  
 Do Christo a Santa Cruz,  
 Enfiava de vir achar nos Andes  
 A mesma cruz, abrindo os braços grandes,  
 Aos indios rubros, nós.

Eram elles que o verbo do Messias  
Pregavam, desde o valle ás serranias,  
Do pólo ao equador...  
E o Niagara ia contar aos mares...  
E o Chimborazo arremessava aos ares  
O nome do Senhor!...

S. Paulo, 1868.

1848 — 1898.

## LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Deste poeta disse Carlos de Laet: "Melodioso quanto os mais consummados mestres no poctar, soube á belleza da forma reunir maviosos sentimentos. Leem-se os seus versos e, mesmo sem o querermos, se nos fixam na memoria". A delicadeza do velho poeta fez a sua popularidade, que ainda hoje persiste.

## O CRUZEIRO DO SUL

Tudo sumiu-se na distancia... Agora  
Que o tombadilho escuro e socegado,  
Convida o amargo espirito exilado  
A relembrar a vida, hora por hora;

Minha alma, como a sombra gemedora  
Das velhas lendas, corre o illuminado  
E vasto espaço, apenas animado  
Pela vaga do mar, alta e sonora.

Do firmamento esplendido e imponente  
Alguem me diz: Tu' voltarás um dia,  
Oh, coração! á tua patria ausente!

E elevo a fronte á abobada sombria:  
Era Deus, cujas vozes simplesmente  
O Cruzeiro do Sul me repetia.

1834 — 1906.

## LUIZ DELFINO

Foi o laço entre o romantismo e o parnasianismo. Nele, a extensão prejudica, de certo modo a intensidade. Os versos que se vão ler foram a cópia num soneto do quadro de Victor Meirelles. Compare-se essa composição, impecável de certo, mas sem emoção e fechada nas linhas inquebráveis da forma, e compare-se a visão de Murillo Araujo com a do velho poeta parnasiano. Embora a dissimilitude dos dois poetas, ver-se-a com clareza a diferença entre as duas fases da nossa poesia.

## PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

A Victor Meirelles.

Céo transparente, azul, profundo, luminoso;  
 De luz humida e branca; o oceano magestoso  
 Montanhas longe, em cima, á esquerda, empoeiradas  
 A' direita, em miniatura; as vagas aniladas.

Coalham náus de Cabral; mexem-se ainda ancoradas;  
 A praia encurva o collo ardente e gracioso;  
 Fulge a concha na areia a scintillar; grupadas  
 As piteiras em flôr dão no quadro um repouso.

Serpeja a liana rir; a matta se condensa,  
 Cáe no meio da téla: um povo extranho a eriça;  
 Sobre o altar tosco páu ergue-se em cruz immensa.

De armada a gente ajoelha; a luz golfa macissa  
 Sobre a clareira; e um frade, ao ar, que a selva insensa,  
 Nas terras do Brasil reza a primeira missa.

C R I S T A

## **OLAVO BILAC**

(Veja pag. 51)

127

## ANCHIETA

Cavalleiro da mystica aventura,  
Heróe christão! nas provações atrozés.  
Sonhas, casando a tua voz ás vozes  
Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amôr procura  
Os indios, ora filhos, ora algozes,  
Aves pela innocencia, e onças ferozes  
Pela bruteza, na floresta escura.

Semeadôr de esperanças e chimeras,  
Bandeirante de "entradas" mais suaves,  
Nos espinhos a carne dilaceras.

E, por que as almas e os sertões desbraves,  
Cantas: Orpheu humanizando as fêras,  
São Francisco de Assis pregando ás aves...

**VICENTE DE CARVALHO**

(Ver pag. 87)

## FUGINDO AO CAPTIVEIRO

(fragmento)

Aponta a madrugada:

Da turva noite esgarça o humido veu,  
E espraia-se risonha, alvoroçada,  
Rosando os morros e dourando o céu.

A caravana tropega e anciosa  
Chega ao tope da Serra...  
O olhar dos fugitivos  
Descansa emfim na terra milagrosa  
Na abençoada terra  
Onde não ha captivos.

Em baixo da montanha, logo adiante,  
Quasi a seus pés, uma planicie immensa,  
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa  
Macia varzea que se lhes depara  
Ali, proxima, em frente,  
Estumadas na luz do sol nascente,  
As collinas azues do Jabaquara...

O dia de ser livre, tão sonhado,  
Lá do fundo do escuro captiveiro,  
Amanhece por fim, leve e dourado,  
Enchendo o céu inteiro.

Uma explosão de jubilos rebenta  
Desses peitos que arquejam, dessas boccas  
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borbórinho de palavras loucas,  
De frases soltas que ninguém escuta  
Na vasta solidão se ergue e se espalha,  
E em pleno seio da floresta bruta  
Canta vitória a meio da batalha.

Seguindo a turba garrula e travessa,  
Que se alvoroça e salta e canta e ri-se,  
Um coitado, com a tremula cabeça  
Toda a alvejar das neves da velhice,  
Tardo, tropego, só, desamparado,  
Chega afinal, exsurge á superfície  
Do alto cimo; repousa, consolado,  
Longamente, nos longes da planície

O olhar quasi apagado;  
Distingue-a mal, duvida; resmungando,  
Fita-a; compreende-a pouco a pouco; vê-a  
Annunciando proxima, esboçando  
— No chão que brilha de um fulgôr de areia;  
No verde claro do hervaçal que ondêa, —  
A aparição da Terra Prometida...

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,  
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,  
Elle, o mesquinho e o bemaventurado,  
Adora o Céu nessa visão terrena...

E de mãos postas sempre, extasiado,  
Murmura, reza esta oração serena  
Como um tosco resumo do Evangelho:

“Foi Deus Nosso Senhor que teve pena,  
De um pobre negro velho...”

## MURILLO ARAUJO

O maior poeta moço do Brasil. Ninguém, que o conheça, pôde deixar de querer bem a esse grande poeta, de riso claro como a sua fé. Jackson achou sempre que Murillo, apesar de individualista, era um poeta cristão. Ele está hoje no apogeu da sua criação, e o seu poema de Santa Therezinha, que está quasi pronto, apresentará um poeta digno de figurar, em religiosidade, ao lado de Tasso da Silveira.

## PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

## I

Na terra amanhecia,  
entre as ondas a rir jubilosas de luz  
e as arvores em flôr, se ergue a arvore da Vida —  
a Cruz.

Entre os tupys a marujada ajoelha.

Uma legião de beija-flôres passarinha.

Então “no ilhéu chamado a Corôa Vermelha”  
Frei Henrique de Coimbra se aparelha  
e em paramentos de ouro beija o altar...

A alma argentina de uma campainha  
se une aos gorgeios da manhã solar.  
Junto aos altos pendões do palmar nunca visto

treme um pendão mais claro — o estandarte de  
[Christo.

## II

Longe um som de clarim morre em gloria no ar.

As resinas do matto, onde em onde,  
erguem incenso  
turibulando pelos troncos bons.

Frei Henrique celebra e é Deus quem lhe responde  
na voz do oceano, seu harmonio immenso,  
rolando ao longe um turbilhão de sons.

As campainhas trémulas nos galhos  
t'lintam á brisa  
sua matina aos pingos dos orvalhos;

e a várzea que se iriza  
nas passifloras rôxas os martirios  
offerenda ao Senhor  
e na agua em sono as amforas dos lirios...  
Ha um repousorio em cada moita em flôr

## III

São candelabros de ouro os ipés flamejantes!  
E ascenderam ao sol corolas delirantes  
como se fossem cirios.  
em louvor.

Quando a hostia se eleva angelical  
sóbe com ella o sol no firmamento.

As borboletas — que deslumbramento! —  
com os tucanos e arás de tom violento  
pintam no azul polycromias de vitral...

Canta a araponga na floresta longa  
como um sino a tanger, dominical.

As náus florem de branco o deserto marinho.  
Lembram virgens trazendo, em tunicas de linho,  
na alva das velas uma cruz cristã;  
e a paterna do sol, as consagrou com o vinho  
aéreo da manhã.

Oh hora ingenua da Fé! Oh primeiro evangelho!  
Pero Vaz escreveu que “um indio já bem velho  
apontou para cruz...” Oh gesto annunciador!

Cabral e os que domaram os sete mares  
unem as mãos tremendo de fervor.

E na luz recémvinda  
em benções tutelares,  
a terra em flôr se alegra em jubileus  
“a terra graciosa” e tão nova e tão linda! —  
a terra desde então desposada de Deus!

**C. PAULA BARROS**

E' a poesia da Amazonia sem os grandes desvairamentos de seiva que são das florestas do grande rio, e as grandes tristezas da planicie. Universaliza-se em sentimento de brasilidade. E tem a crença pura dos homens da Amazonia.

## MÃE

A minha mãe.

Dizem que Deus num sonho de poeta  
 fez a estrella e a mulher,  
 criou a pérola e a flôr;  
 vendo-as, depois, o Illuminado Estheta  
 fez a esperança e o amôr...

E da lagrima azul que o céu chorou com a primitiva  
 [estrella,  
 da esperança e do amôr,  
 da pérola e do lyrio  
 que mais puro floriu na primeira alvorada,  
 no sonho criador da perfeição suprema,  
 fez de todos os bens o coração materno!...

Algum tempo passou. E o coração sangrando,  
 exangue de soffrer — de soffrer e de amar,  
 cahiu das mãos de Deus, como uma flôr,  
 rolando até os pélagos do mar...

E foi cada vez mais e mais se dilatando,  
 entre as rosas da espuma e as violetas do anil,  
 de pouco em pouco se transfigurando  
 na Terra do Brazil!

Olha, meu filho, como a Nossa Terra  
tem a forma gentil de um coração!

Ama-a!

E por ella, em teu devotamento,  
faze um ideal de perfeição.

Ama-a que é tua!

Inteiramente tua,

desde o vane lendario — o Paraiso Verde,  
as quebradas das serras magestosas  
e as anômbas dos pampas redolentes...

Lembra-te, ao ver-a, a tua Mae chorando!...

E assim, por ella, tudo e tudo  
dá-me com affecto o que vier pedir.  
Ergue sem medo o teu escudo  
e, se preciso for,  
dá-lhe tambem, sem pena, o teu porvir!

E se um dia  
dia triste talvez, (quem sabe, filho?)  
a saudade lembrar-te a casa do teu pae:  
ajoelha na Terra — o ouvido attento, bem attento;  
nas-de ouvir, filho meu, teu pae nao mente,  
como um beijo — um soluço de amor — por ti, distin-  
[tamente,  
rezar o coração immenso de tua Mãe!

## HUMBERTO DE CAMPOS

Humberto de Campos é hoje um dos maiores poetas do Brasil. O escritor sutilissimo, que a vida obrigou a alguns anos e livros de irreverencia, nunca deixou de ter na sua poesia, na sua prosa, a piedade doce e solidaria que é humanidade. E' o sentimento catolico que faz parte do sentimento brasileiro está todo nesse soneto.

## O MILAGRE DE GUAXENDUBA

Minha terra natal, em Guaxenduba:  
Na trincheira, em que o luso ainda trabalha,  
A artilheria, que o francez derruba,  
Por tres bocas fataes pragueja e ralha.

O leão de França, arregaçando a juba,  
Saltou. E o luso, como um tigre, o atalha.  
Troveja a boca do arcabuz, e a tuba  
Do indio corta o clamor e o medo espalha.

Foi então que se viu, sagrando a guerra,  
Nossa Senhora, com o menino ao collo,  
Surgir, lutando pela minha terra.

Foi-lhe vista na mão a espada em brilho...  
(Patria, se a Virgem quiz assim teu sólo,  
Que por ti não fará quem fôr teu filho?)

## ROSALINA COELHO LISBOA

Rosalina é uma das nossas grandes poetisas de todos os tempos. Não tem os seus versos a rigidez dos de Francisca Julia. São vãos rasgados, onde a emoção morre, como, no alto, o ruído das asas batendo, que ninguém percebe na terra.

## TERRA DE SANTA CRUZ

Rendilhada de luar, para a gloria da vida,  
Num fausto sem equal, abrindo o seio em flôr,  
De thesouros pejada, ante o descobridor  
Uma ignota região jazia adormecida...

E o estrangeiro indagava, em sua alma atrevida,  
Que força arrancaria a riqueza e o esplendor,  
Dessa presa opulenta ao inclito valor  
De sua raça, em mil conquistas aguerrida...

Mas dos mastros heris a riqueza se erguia  
Para o espaço, onde em lacteas luzes de alabastro,  
A pompa millenar das estrellas fulgia.

E o olhar do heróe seguira a indicação dos mastros:  
— Patria, no alto, abençoando esta terra bravía,  
Deus velava, na cruz de Cristo aberta em astros!...

## CRISTANDADE

- A Jesus Crucificado — Sta. Tereza de Jesus.  
 XXX — Domingos Borges de Barros.  
 Na Estrada — Casemiro de Abreu.  
 A Missa do Gallo — Joaquim Serra.  
 O Rosario de Maria Benedicta — Felix Pacheco.  
 Frei Angelico — Magalhães de Azeredo.  
 Panoplia — Idem.  
 O Alfaceme — Tristam da Cunha.  
 Cantico ao Christo Redemptor — Tasso da Silveira.  
 Amarante — Da Costa e Silva.  
 Apotheose da Fé — Hermes Fontes.  
 Flôr Incognita — Celso Pinheiro.  
 O Cantor seraphico — Augusto de Lima.  
 Palavras de minha Mãe — Olegario Marianno.  
 Nossa Senhora e as Rosas — Luiz Carlos.  
 Contrição — Pereira da Silva.  
 O "Cantico do Sol" — Durval de Moraes.  
 Ao Som de um Sino — Gilka Machado.  
 O Milagre — Ribeiro Couto.  
 Meditação — Francisco Karam.  
 Sinos — Berillo Neves.  
 Tabu' — Joaquim Ribeiro.  
 Quadro — Luiz Martins.  
 Ressurreição — Cassio de Souza.  
 Poema de Santa Thereza de Jesus — Odylo Costa, filho.

## SANTA TEREZA DE JESUS

Não podia deixar de figurar ao lado de S. Francisco um poema de Santa Tereza. Ela é, no tempo deles, a mais alta expressão da Igreja. A alma era a escada para Deus: tudo teria assim, na vida, um fim. A existência seria o **Caminho da perfeição**. O mesmo Unamuno, no seu magnífico ensaio sobre o misticismo espanhol, comove-se ao estudar-lhe a figura iluminada de crença. Ao lado das Fioretti de S. Francisco, e dos seus canticos, o Cristianismo tem em Santa Tereza a sua maior expressão de grandesa artistica do seu tempo, da mesma maneira que a lingua espanhola uma das suas grandes fontes.

## A JESUS CRUCIFICADO

Não me exalta, meu Deus, para querer-te,  
O céu que me tiveste promettido,  
E nem me assombra o inferno tão temido,  
Para deixar, por isto, de offender-te.

Commove-me, Deus meu, tu mesmo; o ver-te  
Pela cruz abraçado, — e escarnecido;  
Doe-me olhar o teu corpo assim ferido,  
Mata-me a dor que te deixou inerte.

Vibra-me, enfim, o teu amor eterno.

Porque, céu não houvesse eu te adorara;  
E te temera sem haver inferno.

Nada tens que pagar á que te espera,  
Não pudesse esperar o que esperara,  
Como te quiz e quero, te quizera.

## JOAQUIM SERRA

Foi o mais constante dos jornalistas que fizeram a grande campanha de sentimento cristão a favor dos escravos. Essa poesia tem o cheiro do incenso de altar, e é, em suavidade e expressão, uma das primeiras paginas do poeta camponez.

## A MISSA DO GALLO

Repica o sino da aldeia,  
Trôa o foguete no ar!  
O rio geme na areia,  
Na areia brilha o luar.  
Quantas vozes, que alegria!  
O povo da freguezia  
Corre em chusma, folgazão.  
No caminho arcos de flôres,  
Por toda parte cantores,  
Folguedos e agitação!

Alli no largo da ermida  
O tambor toca festeiro,  
Se apinha o povo em redor;  
E a igreja garrida,  
Tendo defronte um cruzeiro,  
E' toda luz e fulgor!  
Vêm do monte umas devotas,  
Trazem o rosario na mão;  
Uns camponezes janotas,  
Calças por dentro das botas,  
Seguindo o grupo lá vão!

Que raparigas formosas,  
Cheias de réndas e rosas  
A ladeira vão subir!  
Falam cousas tão suaves,  
Parece gorgueio de aves  
O que ellas dizem a sorrir!

A brisa sopra fagueira,  
Brincando na jussareira  
E vai o rio enrugar;  
Chegão de longe canôas,  
Os barqueiros cessam as lôas,  
Que modulavam a remar!

O sino da freguezia,  
Da branca igreja da aldeia  
Cada vez repica mais;  
O povo corre á porfia,  
A capella já está cheia,  
Soam threnos festivaes!  
Porque produz tanto abalo  
Esta festa sem rival?  
E' hoje a missa do gallo,  
Santa missa do Natal!

.....

Este festejo tão lindo  
Que grande mysterio encerra!  
Poema de amor infindo  
Que o céo ensinou á terra!  
Faz-se humano o ente divino,  
O Eterno se faz menino,  
Vem viver entre os mortaes!  
Lei christã, santa e formosa,  
Salve, crença magestosa,  
Qu'eu recebi de meus paes!

.....

Na palhoça illuminada,  
 Que fica junto da ermida,  
 Dês que a missa foi cantada  
 Se congrega a multidão;  
 Tôlido de murta florida,  
 Flores de magico aroma  
 Ornam o presepe, que toma  
 Na sala grande extensão.

Quão lindo está! Não lhe falta  
 Nem o astro milagroso,  
 Que de repente brilhou;  
 Nem o gallo, que o repouso  
 Deixára por noute alta.  
 E que inspirado cantou!

Tudo o que a lenda memora  
 E consagra a tradição,  
 Vê-se alli, grosseiro embora,  
 Despido de perfeição.

Céo de estrellinhas douradas,  
 Estrellas de papelão;  
 Brancas nuvens fabricadas  
 Da plumagem do algodão!  
 Anjos soltos pelos ares,  
 Peixes sahindo dos mares,  
 Féras chegando d'além,  
 Marcha tudo, e vêm na frente  
 Os reis magos do Oriente  
 Em demanda de Belem!

E' esta a lapa; o menino  
Nas palhas está deitado,  
Co'um sorriso de alegria,  
Todo doçura e amor!  
Contempla o quadro divino  
S. José ajoelhado,  
E a Santissima Maria,  
De Jericó meiga flôr!

Trajando risonhas côres,  
Com muitos laços de fitas,  
Rapazes, moças bonitas  
Formam grupos de pastores.

Que curiosos bailados,  
Com maracás e pandeiros!  
E o ruido dos cajados  
D'esses risonhos romeiros!

Essa quadrilha dansante,  
Cantando versos festivos,  
Aos pés do celeste infante  
Vai depôr seus donativos:

Fructas doces, sazoadas,  
Ramilhetes de assucenas,  
Cêra, pelles delicadas,  
Pombinhos de brancas pennas.

São as joias qu'os pastores  
Dão ao Deus Omnipotente!  
E o povo applaude os cantores  
E o spectaculo innocente.

Eis o presepe singelo  
Da devoção popular;  
Oratorio alegre e bello,  
Sagrado, risonho altar!

. . . . .  
. . . . .

Que noite, que madrugada!  
A familia reunida,  
Uma festa em cada lar!  
Quanta saudade esquecida,  
Quanta tristeza apagada  
Só co'um sorriso, um olhar!

Na terra tanta alegria,  
Tanta paz celestial!  
Que dia, que lindo dia!  
Festa santa do Natal!

## CASEMIRO DE ABREU

Alma ingenua e bôa de creança, Casemiro via em "Deus" um "ser que nós não vemos", "maior do que o mar" e "mais forte que o tufão", um anjo maior, que era um "Balsamo" para todas as dôres. Era natural que a piedade lhe despertasse essa pagina, a ele, que era o poeta da ternura, um poeta primario, mas em que a crença era espontanea. Frequentador da loja de Paula Britto, onde se reunia a gente moça do tempo, não teve tempo de duvidar.

## NA ESTRADA

(Scena contemporanea)

Eu vi o pobre velho esfarrapado  
 — Cabeça branca — sentado pensativo  
     D'um carvalho ao pé;  
 Esmolava na pedra d'um caminho,  
 Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,  
     E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro  
 Seu labio a murmurar resava baixo,  
     Ao lado o seu bordão;  
 E o sol, no raio extremo, lhe dourava,  
 Sobre a fronte senil a dupla c'róa  
     De pobre e de ancião!

E o homem de metal vinha sorrindo  
 Contando ao companheiro os gordos lucros  
     Na usura de judeus;  
 O mendigo estendeu a mão mirrada,  
 E pediu-lhe na voz entrecortada:  
     — Uma esmola, por Deus!

O homem de metal embevecido  
 Em sonhos de milhões, por junto á pedra  
     Sem responder, passou! —  
 O pobre recolheu a mão vazia,  
 O anjo tutelar velou seu rosto,  
     Mas — Satanaz folgou!

1780 — 1855.

**DOMINGOS BORGES DE BARROS****VISCONDE DE PEDRA BRANCA**

De toda a obra poetica, extensa e cuidada, do homem publico illustre que foi Pedra Branca, esses versos é que ficaram, como um lindo roteiro de virtudes. Como de Sapucahy somente nos restam as violetas esparzidas no tumulo de sua filhinha...

Põe na virtude,  
filha querida,  
de tua vida  
todo o primor.

Não dêś á sorte  
que tanto ilude,  
sem a virtude,  
algum valor.

Tudo perece,  
murcha a beleza,  
foge a riqueza,  
esfria o amor;

mas a virtude,  
zomba da sorte,  
e até da morte  
disfarça o horror.

Brilha a virtude  
na vida pura  
qual na espessura  
do lyrio a côr.

Cultiva atenta,  
filha mimosa,  
sempre viçosa,  
tão linda flôr.

## FELIX PACHECO

O simbolismo, que deu Alphon-  
sus de Guimarães á Egreja, não lhe  
trouxe nem Cruz e Souza nem o Sr.  
Felix Pacheco. O poeta-negro não dei-  
xava de ser um poeta religioso — Ja-  
ckson aliás notou isto muito bem, mas  
não foi um poeta catolico. A vida trou-  
xe ao catolicismo o Sr. Felix Pache-  
co, que, ministro de Estado, teve a  
coragem de afirmar ás nossas elites  
agnostas os destinos da Cruz no Bra-  
sil. O intimismo deu ao meu Mestre  
o cimo do seu esplendôr na tinta ver-  
laineana desses quatro sonetos áquella  
que lhe deu o sêr, e que fôra invoca-  
da em **Via-Crucis** e em **Karnak**.

## O ROSARIO DE MARIA BENEDICTA

As mãos em cruz sobre o divino peito,  
 Apérta o terço azul, que tanto amava.  
 Tudo se esphacelou na triste cava  
 Mas, lá dentro, o rosario está perfeito:

Não lhe abateu a fé o duro leito.  
 Sob o monte de terra, que a esmagava,  
 As orações e as orações desfiava,  
 Ligada sempre a Deus no eterno preito.

Doce reliquia ideal desenterrada,  
 Penetro bein tua expressão sagrada:  
 E' Ella que surge e esplende em teu lampejo,

E' Ella que envia, da mansão radiosa,  
 A cada filho, a bençam carinhosa,  
 Em cada conta do rosario, um beijo!

filha ..  
 sempre viçosa,  
 tão linda flôr.

## MAGALHÃES DE AZEREDO

Escrevendo a Domicio da Gama, antes de morrer, Nabuco dizia que confiava, na nossa arte, com ele, o Sr. Magalhães de Azeredo, Graça Aranha e Mario de Alencar. Pedia-lhe que purificasse a sua arte. A Magalhães não precisava pedir. E' dos Bronzes florentinos, no livro **Horas Sagradas**, esse lindo soneto do estilisdôr da lenda humaníssima de Frei Guido.

## FREI ANGELICO

De joelhos, como a orar, o humilde Asceta  
Cherubins e Madonas vae pintando,  
Com tintas finas, e ouro puro, e brando  
Pincel, na plena luz da cela quieta.

Que altas, ideaes figuras, de completa  
Nobreza, e aspecto meigo, e venerando!  
Elle proprio as adora, meditando:  
“Deus por mim seus misterios interpreta”...

Da gloria ( e emtanto a sua eterna dura)  
Não cuida; que por servo obscuro o tome  
Cristo — e feliz está sua alma pura.

O amôr das coisas santas o consome,  
Tornando-o, na piedade e na doçura,  
Angelico de ser como de nome.

## PANOPLIA

(A Odylo Costa, filho)

Quem não na tem, e ufano e ousado, não na implanta  
No armorial de sonho, entre hymnos e balladas,  
Foi menos do que sombra e pó nessas estradas,  
E as explosões de amôr sepultou na garganta.

A vida deve ser como cruzada santa  
Em que ninguem se tema ou fuja de avançadas.  
Só se vence a brandir num cantico as espadas.  
Quem morre é que não creu, não peleja e não canta.

Moços, acreditae e batalhae sorrindo,  
Que o dia de amanhã por força será lindo,  
E a panoplia de fé, que armardes sobre o peito,

Explenderá na luz, como o melhor troféu,  
Tudo tornando então mais bello e mais perfeito,  
E fazendo da terra um pedaço do céu!

## TRISTAM DA CUNHA

O simbolismo teve no Sr. Tristam da Cunha um entusiasta fervoroso. Desse tempo são esses versos sobre o Santo Condestavel, relembrando as lutas da Cruz na Hespanha, lutas que tanto ficaram em nosso sangue, capazes que somos os brasileiros dos grandes impulsos de fé, com que Unamuno justifica a vida coletiva.

## ALFAGEME

Paciente, correndo a partazana e a chuça,  
 Ao tempo em que a trovar o guerreiro descança,  
 O alfageme, o melhor dos mestres da mestrança,  
 A' luz do seu postigo aberta se desbruça.

Na lamina da fina espada que se aguça,  
 Grava um nome (o maior), segundo a honrada usança...  
 — Ante a mão que nas mãos lhe compre espada ou  
 [lança,  
 O bravo empallidece e o ferido soluça.

E o mestre ás vezes pára, a pensar com saudade,  
 Nos que sobem ao céu, por Deus e o Rei caindo,  
 E a quem elle ajudou, no feito memoravel.

E lembra a tarde em que, á hora das Trindades,  
 Entrou na sua loja, e o cortejou sorrindo,  
 Com seu gesto piedoso, o Santo Condestavel...

C R I S T Æ

## TASSO DA SILVEIRA

(Ver pag. 43)

(Trecho do "Cantico ao Christo Redemptor")

.....  
(Tú, Senhor, atravessaste  
trinta annos de vida occulta  
na humilima officina  
de Nazareth.

E não quizeste fazer mais do que fizeram,  
e fazem e farão,  
todos os marceneiros humilimos  
desde o começo do mundo.

Não inventaste um só instrumento novo.

Não imprimistes, no torno, á madeira que trabalhavas,  
uma só curva desusada.

Tú, o Creador de todas as formas  
da prodigiosa machina dos mundos  
da Belleza total.

Atravessaste, Senhor, trinta annos  
de vida occulta.

como que trabalhando apenas  
a tua simplicissima cruz...)

.....

## DA COSTA E SILVA

Estreando no Recife, seu nome logo se espalhou por todo o paiz. Esses versos foram feitos a Amarante, sua terra, onde, ainda menino, ele “já tinha o dom divino de um [creador de imagens...”

## AMARANTE

A minha terra é um céu, se ha um céu sobre a terra:  
E' um céu sob outro céu, tão limpido e tão brando,  
Que eterno sonho azul parece estar sonhando  
Sobre o valle natal, que o seio á luz descerra...

Que encanto natural o seu aspecto encerra!  
Junto á paizagem verde a igreja branca, o bando  
Das casas que se vão, pouco a pouco, apagando  
Com o nevoento perfil nostalgico da serra.

Com o seu povo feliz, que ri das proprias maguas,  
Entre os tres rios, lembra uma ilha alegre e linda  
A cidade sorrindo aos osculos das aguas.

Terra para se amar com o grande amôr que eu tenho!  
Terra onde tive o berço e de onde esperô ainda  
Sete palmos de terra e os dois braços de um lenho!

## HERMES FONTES

Foi o nosso maior poeta do seu tempo. Junto a esses versos, que são das *Apotheoses*, está um "Salve Rainha" que Alcindo Guanabara comparava aos versos de Verlaine em *Sagesse*.

## APOTHEOSE DA FE'

Quanto mais quer subir, e mais cuspides galga,  
 menos sabe essa vã curiosidade nossa,  
 ausculte embora, o Mar, dissimulada em alga,  
 ou se eleve no Azúl quanto elevar-se possa.

A ancia de tudo vêr, a ancia nobre e fidalga  
 de, entender e explicar o que o céu nos esboça,  
 é um fogoso corcel... Ai! de quem o cavalga!  
 — Não se vá sepultar dentro de qualquer fossa!...

Porque, pois, perturbar o universal convívio,  
 por interrogações estereis, á procura  
 de um céu mais amplo, um sol mais rúbro, um luar mais  
 [niveo!?

O homem vae áto, vae mais alto, — plena altura!  
 mas cança, e desce... e, ao vir, de declívio em declívio,  
 recorre á Fé, e a Fé o eleva e transfigura...

## AUGUSTO DE LIMA

Deste alto poeta pedia Tito Livio de Castro que guardassem o nome, que havia de ser grande. Foi. Já vae longe o tempo em que afirmava que

o firmamento só contem estrellas...

Hoje é um dos nossos melhores nomes de poetas catolicos, e essa poesia, do livro encantador que é **S. Francisco de Assis**, merecia figurar entre as traduções de **S. Francisco**.

Do poeta serafico trasladou o Sr. Augusto de Lima, algumas das **Fiorretti**, e tão cheios de unção são esses versos que melhor elogio se lhe não podia fazer.

## O CANTOR SERAPHICO

Musica, misteriosa essencia eternizada,  
de um mundo que a alma escuta, entende e não traduz,  
na linguagem falada!

essencia que entesoura os dons da Natureza,  
nas cinco linhas paralelas que a Beleza  
faz em notas vibrar — perfume, som e luz:  
perfume dos jardins, forte ou leve, acre ou doce,  
perfume florestal, de ardente seiva em posse,  
perfume que embalsama as almas de poesia,  
fazendo palpitar de amor o coração.

Bemdito seja na voz da Melodia,  
bemdito o seu amor no côro da Harmonia,  
bemdito recebendo o Canto na Oração.  
Musica — som e luz; vibração da Existencia,  
panorama sonoro, espelho da consciencia...

Das aves o gorgueio, o murmurar das fontes;  
o azul do céu tranquilo, arqueado sobre os montes;  
os mysterios do mar;  
gritos do temporal, suspiros da bonança,  
tudo que vibra, atrae, commove ou faz pensar,  
a Musica traduz no ritmo ou no compasso;  
e lá, no excelso espaço,  
na musica do azul resôa a luz solar.

E mais além ela é na imensidade eterea,  
a conjunção central das harmonias puras,  
comunicando o Creador e as criaturas,  
o infinito e o finito, o espirito e a materia.

E' poesia dos sons e na maior grandesa,  
como um iris triunfal de harmonica aliança,  
a manifestação de Deus na natureza.  
E' constancia na Fé, promessa na Esperança,  
na Caridade — amor, penitencia e perdão.  
Bemdito seja Deus na voz da Melodia,  
bemdito o seu amôr no côro da Harmonia,  
bemdito recebendo o Canto da Oração.  
Deus fez do pobresinho um divino instrumento,  
de acorde universal na musica dos seres:  
lira para cantar os misticos prazeres,  
da alegria na dor, da paz no sofrimento.

## CELSO PINHEIRO

Foi o maior atrativo da minha adolescência. No Piauí, em 1927, em 1928, em 1930, elle era o grande centro de atração dos estreantes, que então eramos, eu, Moura Rego, Ruy Maranhão, Jacob Martins, Ribeiro Soares, Firmino Paz, e Vianna Filho, morto no Rio, em plena dissolução de uma grande mocidade radiosa, e feliz. Celso era eleito o Príncipe dos Poetas Piauíenses. A sua voz de maravilha fazia viver os nossos mais tremulos poemas. E os seus! Que deslumbramento. Era um grande rei de todos os simbolos. Ha mezes, em Londres, rindo á miseria dos sem trabalho, fez-se a maior exposição de diamantes, que já houve. Assim o espirito de Celso. Meio-dia perto do mar. Horizontes, horizontes...

## FLOR INCOGNITA

Por essas tardes doces de novenas,  
Tive um sonho de todo imaginario:  
Fazer das minhas rimas um rosario  
Para offertar-te, irmã das açucenas!

Tu, que és a inveja viva das morenas  
E a perola gentil do meu rimario  
Guardal-o-ias, como um relicario,  
No teu seio de arminhos e de pennas....

E si fosses ao templo, como agora,  
A's tuas orações de tanto enlevo,  
Bemdiria este amor Nossa Senhora...

Meu Deus, como seriamos felizes!  
Tu rezando os sonetos que te escrevo,  
Eu rezando as palavras que me dizes...

**OLEGARIO MARIANNO**

Filho de José Marianno, grande orador pernambucano. E' da Academia. Poeta sentimental, néo-romântico. Publicou livros e livros. Depois, aderiu ao modernismo.

## PALAVRAS DE MINHA MÃE

Quando, num dia calmo, eu vim ao mundo,  
Minha Mãe, santa e nobre Flór de Liz,  
Disse, olhando os meus olhos bem no fundo:  
— “Meu filho! Has-de ser bom e ser feliz!”

No decorrer do tempo, na bravia  
Onda humana que surge e se encapella,  
Qualquer coisa de mal que acontecia,  
Eu me lembrava das palavras d’Ella,  
E era um gozo infinito o que sofria.

Hoje, homem feito, de alma semi-morta,  
Colhendo males pelo bem que fiz,  
Inda ouço aquella voz que me conforta...  
Sei a sorte que tenho... mas que importa?  
Quero illudir-me para ser feliz.

## LUIS CARLOS

Duas das grandes devoções de Luis Carlos eram Nossa Senhora e as rosas. Por isso esses versos, que são dos últimos que fez, têm ainda mais beleza, do que nunca. Ele sabia bem que

“as pedras que o homem contra  
[Deus atira,  
ao contacto do céu tornar-se es-  
[trelas...”

## NOSSA SENHORA E AS ROSAS

Disse-me um dia um velho ateu, sorrindo:  
“Nossa Senhora si é uma só, porque ha-de  
Haver, desfigurando-lhe a unidade,  
Tantas Nossas Senhoras?” Era lindo

O dia. Em torno, estavam colorindo  
Um jardim, no esplendôr da virgindade,  
Rosas... e quantas! que de variedade!  
Todas voltadas para o céu infindo.

Ainda me pareciam mais formosas  
Aquelas rosas que, de tão serenas,  
Eu não lhe respondi: Mostrei-lhe, apenas,

E o velho ateu, vendo-as, em sã consciencia,  
Na forma varias, mas eguaes na essencia,  
Vi u que Nossa Senhora é como as rosas!

## PEREIRA DA SILVA

E' o poeta da nossa simplicidade. O seu livro *Senhora da Melancholia* é cheio de unção religiosa. Medeiros e Albuquerque disse, da segunda poesia que transcrevemos, que "Pereira da Silva, mais embebido de religiosidade, não fala em Deus na sua poesia "Contrição"; mas, sente-se bem que o subentende em toda ella".

## CONTRIÇÃO

Deus me perdôe, pelo meu sofrimento,  
as palavras que eu disse sem razão  
e os esforços que fiz de animo attento  
para a conquista de um renome vão...

Deus me perdôe, pelo meu sofrimento,  
toda a injustiça feita á minha sina;  
pois não fui cego, surdo, mudo e odiento  
como o que rouba ou como o que assassina.

Deus me perdôe, pelo meu sofrimento,  
se fui menos christão para a penuria  
e mal pude conter o mais violento  
dos peccados mortaes: o da Luxuria.

.....

Cada qual tem de certo o seu destino  
Seja feliz ou não,  
deve-o seguir, docil, como um menino,  
a quem se desse a mão.

Porque palavras más, gestos odientos,  
raivas, gritos, insultos,  
se nada sabem nossos pensamentos  
dos designios occultos?

Acceitemos, em paz, a Natureza  
e a Vida, inda que amara,  
como uma folha á flor da correnteza  
a que o vento a jogara.

Se forem nossos dias sempre rudes  
e as noites menos calmas,  
nem por isso esqueçamos as virtudes  
ingenitas das almas.

Cada qual tem, de certo, o seu destino.  
Seja feliz ou não,  
deve-o seguir, docil, como um menino,  
a quem se desse a mão.

## DURVAL DE MORAES

O Sr. Durval de Moraes iniciou, no Brasil de hoje, a poesia nitidamente religiosa. Não tem o senso litúrgico do misticismo revoltado de Alphonsus de Guimaráes. As suas paisagens não tem o colorido redondo das telas de Veneza: são paisagens a secco, medievais, simplistas.

## O "CANTICO DO SOL"

Nem a flôr, nem a luz, nem a calhandra amiga,  
Que o vinha despertar ao surgir da alvorada!...  
Nada mais seu olhar apagado lobriga!  
Natura, o teu cantor tem a vista apagada!

O santo, as mãos em cruz, a alma transfigurada,  
Implora genuflexo: — O Deus, porque eu consiga,  
Supportar meu soffrer, dae-me a alegria alada  
Do Amor! Meu coração em tudo vos bemdiga!

Louvado sejaes vós pelo sol e as estrelas,  
E o fogo, e a terra, e o vento, e as aves tagarellas,  
E a agua sempre a cantar de arrebol a arrebol

Bemdito, meu Senhor, com a natureza inteira!...  
São Francisco de Assis, na treva da cegueira,  
Entôa, extasiado, o "Cantico do Sol".

**GILKA MACHADO**

Jackson dizia que Cruz e Souza era o mais religioso dos nossos poetas, sem ser catolico. Dirigindo a sua poesia na direção do Creador, não creu. Assim Gilka, ainda mais possuidora da musica secreta das coisas que ele. Peguy diz muito bem que a natureza dos bons e dos maus em religiosidade é a mesma: depende apenas de direção.

## AO SOM DE UM SINO

Tange longe um sino, numa igreja em festa  
 (como o som do sino no meu sêr actua!)  
 um prazer ingenuo tudo manifesta,  
 julgo a natureza um templo aceso, em festa,  
 cujo ambiente incensa com o luar a Lua.

Tange longe um sino, tange alegremente,  
 mas tristeza espessa ora minha alma encobre  
 é que bem no fundo do meu sêr soffrente,  
 por ouvir o sino soar alegremente,  
 da saudade o sino solta o triste dobre.

Passam moças rindo, prazenteiras, bellas,  
 qual um bando alacre de anjos palradores;  
 e eu recordo, então, que tive a idade dellas,  
 moças, rudes, sim, porém felizes, bellas,  
 e fui sempre velha pelos dissabores.

Anda assim minha alma divagando atôa,  
 na penumbra triste do meu lar sem brilho;  
 um rumôr macio, preguiçoso, sôa:  
 é a canção que solta, vagamente atôa,  
 minha irmã rebuscando adormecer meu filho.

Ah meu pobre filho! que remorso immenso  
 minha mente punge, minha paz trucida,  
 sempre que te fito, sempre que em ti penso!  
 Como devo expiar este meu crime immenso  
 de te haver legado o grande mal da vida?

## RIBEIRO COUTO

Do Sr. Ribeiro Couto pode-se dizer que trouxe novidade para a nossa poesia. Novidade com ritmo, embora sem grande religiosidade, que é unção.

Tem muita humanidade nos seus versos encantadores.

## O MILAGRE

O' manhã de apotheose  
O' manhã do Brasil no mez de janeiro!  
O' manhã de azul intenso e luz offuscante!

Pelas ruas da cidade, contente de viver,  
caminho átôa entre as pessoas  
com o desejo franco de sorrir a tudo,  
O' manhã para ensinar a bondade!

Naquella esquina quatro cegos tocam.  
Qu musica vibrante os cegos tocam  
cercados de povo que os ouve em silencio!

Os cegos estão cheios de uma alegria inexplicavel  
porque a manhã entrou pelos seus olhos vazios.

## FRANCISCO KARAM

Foi a grande revelação religiosa de Festa. Escreveu *Leviticus*, de onde são esses versos, dos mais bellos do livro.

## MEDITAÇÃO

Debruça-te e pensa, olhando a vida,  
Do alto da montanha em que te encontras.

O amor é um sacrificio E sacrificio  
Que é a ressurreição da humanidade.

A dor é a sublimidade da alma,  
Cantando a imperfeição que a rodeia.

As lagrimas da mãe, que chora,  
São a maravilha da propria natureza.

O crepusculo é a cathedral poeirenta,  
Onde os bons vão orar.

A saudade é o trigo armazenado,  
Nas paredes do século.

E é o celleiro de que se nutre o homem,  
No extenso caminho da afflicção.

O pranto é a bebida do silencio,  
Expremida da vinha da tristeza.

E a sua taça é o conforto  
Da melancolia.

Agora, debruça-te mais. Debruça-te,  
E pensa. Que seria da humanidade,

Sem a saudade e sem o sacrificio?  
Sem a dor, frutificando na arvore do crepusculo?

## BERILO NEVES

Antes de começar a sua fase de conteur, Berilo Neves foi poeta, e poeta catolico. Diretor de jornaes catolicos, são seus esses versos em que está incorporado ao Catolicismo a encantadora voz dos sinos.

## SINOS...

Velho bronze immortal de estranho fado,  
Instrumento de Deus, sagrado e forte,  
Alma ferrea da Fé, voz do Passado,  
Das crenças eternaes vigia e norte:

E's da Igreja de Christo o eterno brado,  
— O' nune tutelar da humana sorte! —  
Ora alegre a espalhar sons de noivado,  
Ora triste, a chorar, lembrando a morte!

O nosso coração tambem é um sino,  
Na cathedral do peito encarcerado,  
Tangido pela força do destino...

Em cantico de amor, sonoro e lindo,  
Ou em repiques de dôr despedaçado,  
Ha de, sempre, tocar, chorando, ou rindo!

## JOAQUIM RIBEIRO

O Sr. Joaquim Ribeiro é agnosta. Aos 24 annos, que é a sua idade, nunca pode o homem, que nasceu na religião, completar o cyclo completo que vae do atheismo á fé. No seu livro "Fogueira", pequeno desvio de belleza na obra desse illustre erudito, os versos **Tabu'**, que transcrevemos, vêm em cada montanha a saudade de uma cruz. Como as montanhas, tambem as intelligencias anseiam.

## TABU'

Montanha — minha Russia petrificada  
Ansias e illusões  
derramas pelos teus flancos  
e barrancos.

Ha raizes em contorsões nervosas  
num hysterismo inexplicavel  
de tuas veias, que estálam rumorosas  
nas hemorragias de espumas das cachoeiras!

Montanha immovel, paralitica,  
E' tua a tortura das cordilheiras...

Nos teus pincaros choraram todas as religiões,  
O Sinai, o Thabor, o Golgotha, o Hymalaiá,  
E os Andes ainda choram nas lavas sangrentas dos  
[vulcões

No teu ventre guardaste  
todo o ouro, toda a prata, todos os cristaes,  
Mas os garimpeiros vieram  
Deixaram-te nua ao sol!  
Ferretaram-te com o fogo,  
E a tua carne fremente  
Algemaram na escravidão  
das estradas-de-ferro, que são algemas da civilização!  
Ha gritos de dor nas tuas grotas!

Se arripias o teu pello fulvo de florestas emmara-  
[nhadas...

Não é o vento! São assombrações, que ficaram  
peregrinando pelas estradas...

Vinga-te em ti mesma.

Atira-te sobre a planície ou sobre o mar.

Revolta-te, montanha, contra os que anseiam  
te escravizar.

No bôjo verdoengo de cada pincaro teu  
ha uma lava ardendo

Se te marcaram o dorso com as queimadas  
derrama

teu sangue de chamma  
sobre as cidades illuminadas!

Vinga-te contra os machinismos!

Montanha — minha Russia petrificada

Passaram e hão de passar sobre ti

todas as desgraças

de todas as raças

na ansia de encher-te de luz,

E se te ergues para o ceu

ajoelha-te extasiada

na lembrança angustiada

de que em cada pincaro ficou

a saudade de uma cruz!

## LUIS MARTINS

Temperamento irrequietissimo, Luis Martins procura, ainda hoje, a sua vocação. O poeta que aos 18 annos publicava um livro de versos — **Sinos** — apenas torna conhecidos os seus, da gente de sua intimidade. Assim, esse **Quadro**, um dos mais encantadores, como **primitivo** de um erudito, que já desenhou a pena agilissima de Luis.

## QUADRO

Imagino que um dia, no Céu,  
Santa Thereza encontra São Francisco de Assis.

— Bom dia, **Poverelho**...

— Bom dia, Senhora minha...

(O Céu faz um dia bonito,  
com flôres, frescôr de manhã, cheiro de missa,  
domingo de arrabalde, com passarinhos cantando...)

Uma saudade sem fim tinge de nevoa o olhar do  
[Santo...

As madrugadas longinhas da montanha,  
o sermão na floresta,  
e o encantamento manso  
da vida embevecida  
no silencio esquecido  
ouvindo as coisas mais bellas de Jesus...

Uma lagrima azul dança nos olhos de criança...

Então, imagino que Santa Thereza,  
sem perguntar porque, colhe na flôr dos dedos  
a lagrima pensativa e distrahida...

Imagino tambem que Jesus vae passando.  
Os anjos cirandam aureolas de innocencia no ar.  
Santa Thereza em extase olha os olhos de Jesus  
e a lagrima de São Francisco, esquecida que é lagrima,  
fica um gesto de mãos postas de oração do olhar...

## CASSIO DE SOUZA FILHO

Poeta rio-grandense, é o mais moço do seu Estado e aquele que tem maior sentimento poetico deles. A sua põesia ainda é irrealizada. Ainda não chegou á condensação total de ritmos. Entretanto escreve paginas dessas. No dia em que completar o dominio da sua arte, Cassio de Souza Filho será o que de ha muito tempo vem dizendo o organizador desta Seleta: um dos grandes poetas moços do Brasil.

## RESSURREIÇÃO

Quanto todas as sombras desceram,  
 e coroadas de melancolias  
 dançaram o bailado macilento  
 do Tédio e do Desalento,  
 eu senti no meu Silencio e na minha Angustia,  
 toda Angustia Silenciosa do Universo!

O espirito da amargura e da incerteza  
 aprisionou-me a alma sofredora,  
 torturou-me o coração...

E no meu Silencio,  
 e na minha Angustia,  
 no isolamento das dubias incertezas,  
 os meus braços convulsos desfaleceram,  
 a minha boca ansiosa emudeceu,  
 e nos meus ouvidos alucinados,  
 agonizaram todas as harmonias...

Mas quando a tua voz se ergueu,  
 mais clara e mais pura,  
 do que a voz dos passaros e das creanças,  
 eu senti no meu Silencio e na minha Angustia,  
 ó Senhor dos tristes e dos aflitos,  
 a alegria cantante da Alvorada,  
 a ressurreição de todas as harmonias!

Porque a tua palavra humilde e cristalina,  
 unvida de amor, de ternura e de bondade,  
 ó Senhor dos tristes e dos aflitos,  
 gravou na minha alma sofredora,  
 a paz serena da Renuncia e da Verdade!

**ODYLO COSTA FILHO**

## POEMA DE SANTA THEREZA DE JESUS

Evocando o teu nome, que me chega  
 num perfume de livros e de anemonas,  
 — a fé cristã brotando em uma cabeça grega,  
 na espiritual renovação do milagre das argemonas,  
 eu sinto em mim como um renascimento,  
 dentro de um sol de tarde, a suave impressão  
 de uma rosa de hastil se balouçando ao vento,  
 a especie humana florescendo na divina devoção.

Evoco os tempos bons, rudes e bravos,  
 em que Francisco e Clara, os pés descalços,  
 iam pelos caminhos, entre castellos e escravos,  
 espalhando a alegria, a humildade, a pureza,  
 entre lobos sinceros e homens falsos...

E entre tantas cabeças gloriosas  
 fazendo santa a gente vil,  
 era de todas  
 a mais sabia, a mais humilde, a mais serena,  
 corôada de rosas —  
 Santa Thereza de Avila, a subtil.

Quando envolvida na ancia de sofrer,  
 e no extase de perdoar e perdoando reviver  
 a dôr mortal, a dôr sem piedade, em cilícios,  
 em prantos, orações, torturas, sacrificios,  
 — margarida na manhã, flôr de pau d'arco, rosa no  
 [hastil,

a Eleita era a mais Bella  
 era a mais Sabia,  
 era a mais Pura!

Santa Thereza de Avila, a subtil...

# INDICE

Palavras de introdução.....	7
-----------------------------	---

## IDEA DE DEUS

Cantico ao Sol — S. Francisco Xavier.....	11
Psalmos XIII — Pe. Antonio Pereira de Souza Caldas....	15
A Mocidade — Domingos José Gonçalves de Magalhães	19
Soffrimento — Gonçalves Dias.....	23
Supplica — Laurindo Rabello.....	27
A Cruz do Claustro — Junqueira Freire.....	29
Acusmata — Fagundes Varella.....	31
Deus — D. Aquino Corrêa.....	35
As Montanhas — Dunshee de Abranches.....	39
Deus — Moacyr de Almeida.....	41
Alegoria do Homem Novo — Tasso da Silveira.....	43

## CHRISTO

Contrição — Gregorio de Mattos.....	47
Natal — Olavo Bilac.....	51
Os tres olhares de Maria — Emilio de Menezes.....	53
Soneto de Natal — Machado de Assis.....	49
Jesus entre as creanças — Amadeu Amaral.....	57
A Andorinha — Ademar Tavares.....	61
Natal — Luiz Edmundo.....	65
A Tentação — Gustavo Teixeira.....	67
Ao Christo — Alfredo de Assis.....	69
Belem — Jonathas Serrano.....	71
Presepio — Wilson de Carvalho.....	73

## CICLO DE NOSSA SENHORA

Poema da Virgem — Joseph de Anchieta .....	77
A Conversão de Gupeva — Santa Rita Durão.....	79
Minha Nossa Senhora — Affonso Celso.....	83
A Ave-Maria — Raymundo Correia.....	85
A Voz do Sino — Vicente de Carvalho.....	87
A Nossa Senhora — Alphonsus de Guimarães.....	91
As Mãos da Virgem — Idem.....	93
A Nossa Senhora — Pe. Antonio Thomaz.....	95
Rosas — Belmiro Braga.....	97
Jesus! Maria! — Auta de Souza.....	101
Num Album — Alberto de Oliveira.....	103
Poema — Jorge de Lima.....	105
Mater Dolorosa — Moacyr de Almeida.....	107
A Festa da Padroeira — Povina Cavalcanti.....	111

## PATRIA

Jesuitas — Castro Alves.....	117
Cruzeiro do Sul — Luiz Guimarães Junior.....	123
A Primeira Missa no Brasil — Luiz Delphino.....	125
Anchieta — Olavo Bilac.....	127
Fugida ao captiveiro — Vicente de Carvalho.....	129
Primeira Missa no Brasil — Murillo Araujo.....	133
Mãe — Paula Barros.....	137
O Milagre de Guaxenduba — Humberto de Campos....	141
Terra de Santa Cruz — Rosalina Coelho Lisbôa.....	143

## CRISTANDADE

A Jesus Crucificado — Sta. Tereza de Jesus.....	147
A Missa do Gallo — Joaquim Serra.....	151
Na Estrada — Casemiro de Abreu.....	157
XXX — Domingos Borges de Barros.....	159
O Rosario de Maria Benedicta — Felix Pacheco.....	161
Frei Angelico — Magalhães de Azeredo.....	163
Panoplia — Idem.....	165
O Alfageme — Tristam da Cunha.....	167
Cantico ao Christo Redemptor — Tasso da Silveira.....	169

S E L E T A

Amarante — Da Costa e Silva.....	171
Apotheose da Fé — Hermes Fontes.....	173
Flôr Incognita — Celso Pinheiro.....	179
O Cantor seraphico — Augusto de Lima.....	175
Palavras de minha Mãe — Olegario Marianno.....	181
Nossa Senhora e as Rosas — Luiz Carlos.....	183
Contricção — Pereira da Silva.....	185
O “Cantico do Sol” — Durval de Moraes.....	189
Ao Som de um Sino — Gilka Machado.....	191
O Milagre — Ribeiro Couto.....	193
Meditação — Francisco Karam.....	195
Sinos — Berillo Neves.....	197
Tabu' — Joaquim Ribeiro.....	199
Quadro — Luiz Martins.....	203
Ressurreição — Cassio de Souza.....	205
Poema de Santa Thereza de Jesus — Odylo Costa, filho	207